



**A SERRA FOI DEPREDADA.
QUEM VAI PAGAR POR ISSO?**

A FALA DO DR. FERRARI

Teve grande repercussão a entrevista concedida pelo secretário da Saúde Eugênio Ferrari ao "Jornal de 2a." na semana passada.

Os comentários iam desde o entusiasmo dos que afirmavam que "finalmente temos à testa da secretaria alguém que entende realmente de saúde pública", até o ceticismo daqueles que acreditam que, a continuar nessa linha de denúncia firme e proposta de uma medicina social, "ele não vai durar no cargo".

Os defensores das idéias propostas pelo secretário consideram que, inclusive, sua fala trouxe luz a respeito de assuntos que o leigo jamais havia conseguido vislumbrar, como o fato de que "o tipo de serviço, o tipo de atendimento (das Unidades de Saúde) não tem nada a ver com o que ensinam os técnicos de saúde pública. Em vez de servirem como postos avançados de uma política global de

saúde pública, destinavam-se ao atendimento médico puro e simples, à ostentação de reluzentes e ociosas ambulâncias". Ora, é sabido que a população leiga sempre entendeu que uma ambulância no bairro e um homem de branco medicando aspirinas era o supra-sumo da medicina social, já que a carência de atendimento era a mais absoluta, principalmente na periferia, onde se abriga a parte mais pobre dos municípios.

Quando o dr. Ferrari mostra que o número de atendimentos está longe de significar a melhoria da saúde pública, acontece uma virada de 180 graus na conceituação do tipo de medicina que deve ser proposto no atendimento da comunidade. Além dessa, outras colocações do secretário indicaram claramente os erros que as administrações públicas cometem em nome da saúde pública — não apenas em nossa

cidade, mas até em âmbito de política nacional de saúde.

E são exatamente essas colocações claras e corajosas que estão causando o ceticismo entre observadores mais "políticos". Acreditam eles que, no momento em que as propostas do secretário dr. Ferrari ferir interesses maiores — sejam dos órgãos oficiais sediados nos grandes centros do país, sejam dos poderosos grupos médicos que têm se beneficiado (ou, quem sabe, influenciado mesmo) com as diretrizes postas em prática —, a partir desse momento estariam contados os dias do secretário no seu cargo.

A esse grupo de pessoas, os descrentes, temos apenas dois dados a oferecer, para que acrescentem aos seus juízos: o dr. Ferrari tem importantes ligações com Brasília; e está ligado a um dos grandes grupos médicos locais. Ele, seguramente, sabe o que está fazendo.

BAFOS

Na entrevista concedida ao "Jornal Municipalista" (24.1.77), o deputado Jayro Maltoni fez uma análise do pleito de 76, contestando a visão otimista da Arena. "É um exagero e uma tolice inominável dizer que o sr. Laudo Natel foi vitorioso nas eleições em São Paulo. Nem ele, nem Abreu Sodré, ou outro político da Capital ganharam coisa alguma; e isso ficará mais do que provado se as eleições de 78 forem diretas. A Arena perderá em São Paulo, se o candidato ao governo for o sr. Laudo Natel, perderá com o embaixador Delfim Neto, perderá com qualquer candidato", disse Maltoni.

—§—

"Numa eleição municipal todas as bases são mobilizadas, ao passo que nas eleições parlamentares, por falta de motivação ou interesse pessoal, prefeitos e vereadores assistem de camarote às cenas eleitorais". São palavras de

Jayro Maltoni, ainda na entrevista ao "Jornal Municipalista". "Esta é a grande preocupação dos partidos e, só após a realização das últimas eleições começaram suas lideranças a verificar que a chamada Lei Falcão não visou às eleições de 76, mas as de 78. Por certo, prefeitos e vereadores eleitos em 15 de novembro não desejaram expor sua carreira de graça, obrigando senadores e deputados a um esforço muito grande para a conquista do mandato".

—§—

Segundo informações não oficiais, mas dignas de crédito, em todas as desapropriações feitas na administração Ibis Cruz houve um acréscimo de 10% no "preço amigável" proposto pelos proprietários. Essas mesmas fontes deixaram mais ou menos claro que se tratava de uma espécie de "comissão" em favor de pessoas ligadas ao serviço de avaliação dos imóveis.

Dos cinco requerimentos apresentados pelo vereador Ariovaldo Alves (MDB) na última sessão do Legislativo, três poderão movimentar a opinião pública: o que pede esclarecimentos sobre a situação da indústria Concrebrás (construída e funcionando em área destinada ao lazer e recreação), as somas já pagas à empreiteira Andrade Gutierrez (para que serviços e a que preços unitários) e os salários pagos ao advogado Helly Lopes Meirelles (defensor de Ibis na Ação Popular do Sistema Viário).

—§—

Moradores da Agapeama informam que o vereador Jorge Roque de Moura (Arena) anda tentando assumir a paternidade de serviços públicos solicitadas pelo vereador Ercílio Carpi (MDB) à Prefeitura, visitando os locais onde esses serviços estão sendo realizados e afirmando ser o autor das indicações.

E O TELEFONE, FALA OU NÃO FALA?

Quando aqui estive em janeiro, o sr. ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira, alardeou as excelências do serviço telefônico no país, que evoluiu aceleradamente sob a supervisão de s. excia.

Com sua permissão, sr. ministro, aqui entre nós a comunicação telefônica é uma refinada porcaria. Um desmentido ao seu otimismo.

Existem por aí, às centenas, aparelhos que não "falam" desde não se sabe quando.

Não obstante, as taxas respectivas têm sido recolhidas regularmente através da rede bancária.

Em ondas sucessivas o assinante comparece ao balcão da Telesp (verdadeiro muro de lamentações), para implorar por uma providência que via de regra não vem.

A indignação popular entretanto, sempre se esbarra na fragilidade de duas moçoilas, que, caneta à mão, vão anotando uma a uma as reclamações da manada de car-

neiros que ali comparece cabisbaixa.

Por detrás delas (das moças) se escondem mansamente os responsáveis por esse estranho estado de coisas, que parece só terá fim quando o suporte da tolerância não mais resistir ao abuso ignominioso.

Essa "tática" furta do povo o ensejo do seu desabafo.

E, dessarte, os telefones continuam mudos, botando à flor da pele os nervos de todo mundo.

Ocioso seria gastar o tempo para dizer quanto é ruim e ordinário o serviço que a Telesp vem prestando em Jundiá.

E o que é pior. Como vem ela esbulhando o assinante ao cobrar-lhe a taxa de um serviço que não presta.

A falar com franqueza, não se sabe para onde dirigir as nossas queixas. O que se sabe é que aquele que não pagar no prazo certo terá cortado o fio de seu telefone, arcando com novos ônus se quiser religá-lo.

Até quando teremos que aguentar essa situação?

Haverá por aí, alguém com bom crédito para contar ao sr. ministro o que se passa por aqui?

Ou será que tudo vai continuar como está, numa reafirmação do aforismo de que lugar bom para chorar é mesmo na cama?

Elcio Vargas

Cinzas

Momo, velhaco! Chupeta descarado, que é de ti?

Tão logo te faltaram as tetas da velha, te fizeste revel no Córrego da Salvação.

Petronilha de joelhos no Cartório de Protestos, pede concordata. Não pode pagar as bacanais d'outrora. Os teus vassalos, aqueles dos restaurantes, acuados como estão, já te não rendem vassalagem.

Reis mortos, reis postos! Vivam os novos reis...

A grana que alimentava a pagodeira no córrego do mato, era pouca e se acabou.

As venturosas passarelas da 9 de Julho, rutilantemente iluminadas com girândolas multicores, neste tríduo de 77 não foram mais que taciturnas e cismadoras veredas testemunhando na eloquência da sua deserta melancolia a inumação de uma era onde uns poucos de histriões pularam, dançaram, comeram e beberam à custa de muitos que se curvaram ao peso de sufocantes encargos tributários.

Pois é. Como vocês viram, Momo deu no pé. Deu no pé espavorido, deixando às moscas o córrego outrora tão badalado.

Aquela promessa de que seria todo enfeitado, de "ponta-a-ponta" foi um ovo que se quebrou no bico da galinha. O milhão prometido não passou de uma quimera. Teria saído, isso teria, se as urnas, volúveis como Colombina, não tivessem abandonado Arlequim para se atirarem aos braços de Pierrot. Aquele milhão, dizem que vai ser preciso para "desempinar" alguns papagaios que, com garras de rapina, esvoaçam por cima da carcaça branca e seca de Petronilha.

Por ter-lhes faltado a grana prometida, os sambistas abandonaram o asfalto das "modernas avenidas". Preferiram o centro da cidade onde o pessoal dá presença ruidosa sem necessidade do estímulo oficial.

Mas, assim é que deve ser. O Carnaval é do povo. É ele quem o custeia e o desfruta no esplendor da sua bizzaria. O dinheiro de cegos e mendigos, de permeio com o de ricos e remediados, há que sempre ter uma destinação diferente. O folião ou é folião e não precisa de empurrão pra brincar, ou, a contrário senso, não é folião. É um explorador que saracoteia animado pelo cofre da Prefeitura.

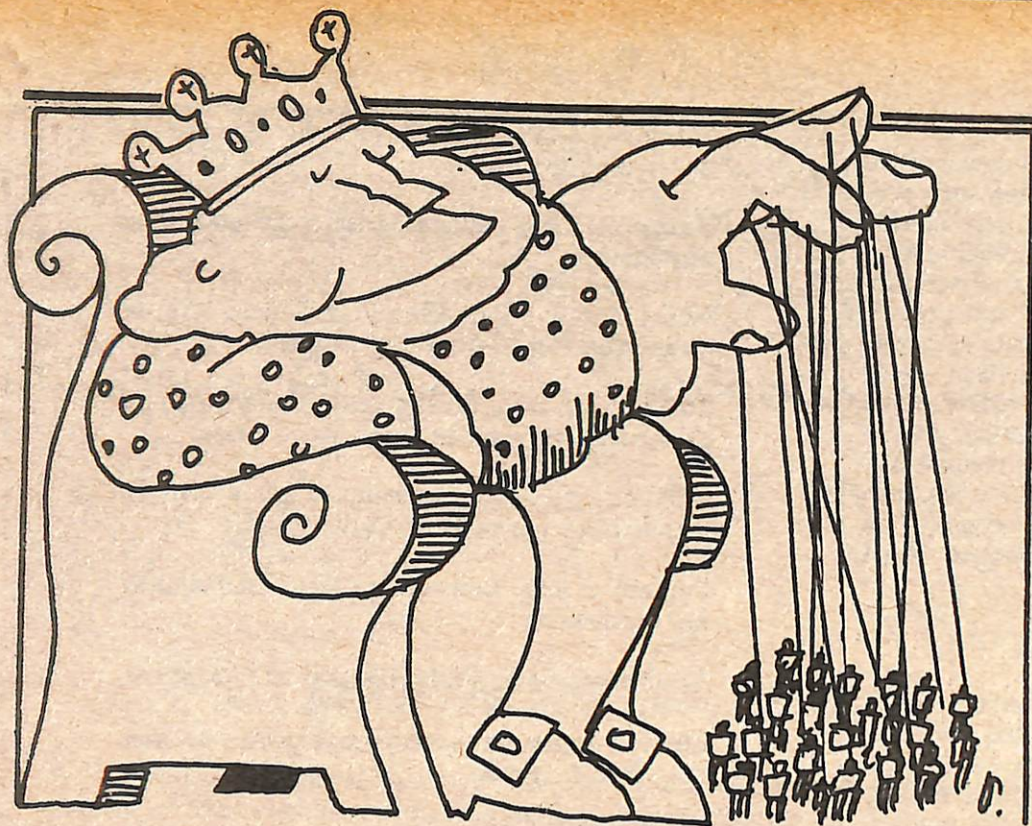
O milhão prometido, não foi liberado já que vai ter o aproveitamento que lhe foi dado pelo contribuinte. Nem por isso a rapaziada deixou de festajar o Carnaval, o que fez magnificamente na invejável disposição de seus verdes anos.

Só que, desta feita, não se sabe se por esquecidos ou se por escaramentados, nem os blocos nem os cordões cantaram aquele coro tradicional: Viva seu Pereira, Viva o Carnaval.

V/2

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 — tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Donardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue



Pensando em 1978

Pierô engoliu seu vermute com amendoim e partiu em direção à casa do Arlequim, embora ainda faltasse meia-hora para o encontro, marcado pouco antes do fim do baile da terça-feira gorda. Iria devagar e a pé, colaboreando assim com o esforço do governo em racionalizar o consumo de gasolina. Lamentava apenas que a chama a arder em seu peito fosse muito mais de amor por Colombina do que pelo resto. E era por esse amor que iria tentar um entendimento com Arlequim, já que o momento era favorável a uma distensão, ao diálogo democrático. Talvez com um pouquinho de imaginação criadora ambos, ele o Arlequim, chegasse a uma fórmula pacífica de resolver a eterna briga.

Caminhou pela extensa avenida asfaltada e pensou na contradição daquela via expressa sem nenhum movimento de automóveis e o povo que ainda ontem ali estava apinhado, se acotovelando para ver passar o rico desfile das escolas de samba; povo que ainda trazia nos pés sujos a lama ou a poeira das ruas de onde viera, ruas abandonadas esburacadas, "Mas de que é feito o mundo senão de contradições", pensou com seus pompons. Ele mesmo, não estava ali fantasiado e sangrando por dentro? E por quem sangrava senão pela mulher que sempre, na hora da Folia, o desprezava em favor do seu enfeitado rival?

A lembrança de Colombina nos braços do Arlequim quase o fez desistir. Mas não, não poderia deixar de tentar mais uma vez. Principalmente agora, quando o próprio rival propunha o diálogo.

"Entra, Pierô. Senta aí". Arlequim recebeu Pierô cordialmente, com uma cordialidade que não era muito comum. Isso confirmava o boato ouvido por Pierô, segundo o qual Colombina e Arlequim tiveram uma pequena briga, no fim do baile, um pouco antes do convite para a conversa. Embora provindo de fonte não-oficial, o boato falava num certo receio que Arlequim tinha de perder Colombina no próximo carnaval, já que os tempos pareciam estar mudando, já que Colombina parecia não estar mais tão contente com a folia patrocinada pelo Arlequim.

"Escuta, Pierô, acho que é tempo da gente por fim a essa briga sem nexo, que acaba refletindo mal lá fora. Dizem que o número de turistas foi bem menor este ano, exatamente por causa da repercussão da nossa luta no exterior. Pensa bem, turismo é divisa. A nossa disputa, na verdade,

está sendo um desserviço que estamos prestando ao carnaval e ao país. Tenho uma proposta a fazer. Que tal se a gente pedisse ao Rei Momo que decidisse, definitivamente, quem fica com a Colombina?", falou o Arlequim.

Pierô sorriu um riso amarelo e disse:

"Ora, Arlequim! Pedir ao Momo que opine é o mesmo que pedir à Elisa que indique o campeão Paulista... Todo mundo sabe que você é muito mais chegado ao Momo do que eu, que a sua folia agrada ao Rei, que você representa, na verdade, a própria vontade de Momo. Essa não, Arlequim".

"Tá bem, tá bem. Então aqui vai a segunda proposta: pedir aos presidentes das escolas de samba que decidam. Afinal, eles representam o próprio samba. São eles que foram eleitos para dirigir o destino do carnaval, dos milhares de foliões que suas escolas congregam. Que tal pedir o voto deles?"

"Pois sim! É sair do mato pra... é a mesma coisa, Arlequim. Todo mundo sabe que essa gente vive em função de Momo, que eles precisam de Momo para sobreviver. Você levaria Colombina, fácil. Mas já que você pensa em fazer consultas, por que não consultar a interessada? Por que não perguntar à própria Colombina? Afinal, é o destino dela que está sendo discutido!", atalhou o Pierô.

Foi quando acabou a cordialidade de Arlequim. O homem enfureceu: "O que? Consultar a Colombina? Você está maluco! Todo mundo sabe que a Colombina é uma criança ainda, é imatura. Ela não está preparada para decidir coisa alguma, Pierô. Mesmo assim, e para mostrar que estou interessado em decidir democraticamente, faço outra sugestão. A gente prorrogaria por mais um ou dois anos as coisas como estão, isto é, eu ficaria mais um ou dois anos com a Colombina e, então, quando ela estiver amadurecida e preparada, ela decide. Pensa bem, Pierô, são apenas mais um ou dois carnavais. Passa depressa. Depois a gente..."

Arlequim foi interrompido antes de concluir. Era o palhaço que vinha lá de fora, aos berros:

"Pierô. Arlequim. Estou vindo do palácio de Momo. Ouvia a notícia lá mesmo. Não vai haver carnaval no ano que vem!"

Erazê Martinho

A MENSAGEM DE GEISEL E AS REFORMAS POLÍTICAS

Poucas vezes, nos últimos anos, uma mensagem presidencial foi aguardada com tanta expectativa quanto a que o presidente Ernesto Geisel enviará nesta terça-feira no Congresso.

Afinal, após longos meses de exaustivas controvérsias em torno das reformas políticas, esperava-se nos meios políticos que o presidente, finalmente, indicasse ao menos os rumos que pretende tomar.

Daí a relativa frustração provocada pela notícia de que Geisel falará de política, mas não em reformas

nem coações, como já fez no ano passado. Não permitirá, porém, a quem quer que seja, busque tirar partido da conjuntura política, naturalmente ardorosa e vibrátil, para a política de contestação à Revolução expressa esta no regime constitucional e legal a cujo abrigo vivemos todos — quer gostemos ou não — o próprio regime que garante a propaganda eleitoral dos candidatos e dos partidos, a mobilização do eleitorado e a votação livre"

—§—

Sobre os dois partidos, dizia o presidente:

"Embora não haja proibição à constituição de outras agremiações, dentro das normas e condicionamentos legais, um bipartidarismo de fato que coexiste, como aliás ocorre em outros países, com um permissivo multipartidarismo legal, não vê meu Governo porque se deva buscar alterá-lo".

—§—

E concluiu:

"Não poderão os atuais partidos, mesmo que apenas quadros ainda em formação, criados por uma Revolução vitoriosa, captar, em seu leito já definido, a força daqueles novos caudais? Aí está, aos políticos de todas as confissões e de todos os matizes doutrinários ou pragmáticos, o grande desafio da hora presente. Que não deixem o povo soçobrar em frustração".

Além disso...

INUSITADA VIOLÊNCIA — I

Como explicar a inusitada violência da resposta arenista à moderada nota do MDB sobre as cassações no Rio Grande do Sul?

Uma das hipóteses: percebendo a irritação do Governo e de áreas do Sistema, e pressentindo possíveis desdobramentos mais graves, a Arena tomou rapidamente a iniciativa do ataque. Com sua agressividade, aplacou ânimos mais exaltados em áreas revolucionárias, desagravou o Governo e conseguiu evitar que a questão extrapolasse a área política.

INUSITADA VIOLÊNCIA — II

Causou alguma surpresa a violência do ataque de Tancredo Neves, na semana passada, ao "modelo artificial e antinacional que decuplicou a nossa dependência às forças do capitalismo internacional". Tancredo chegou a dizer que "o II PND é hoje uma ficção risível, se não fosse trágica".

O experiente, moderado e sempre prudente deputado mineiro saiu de seu estilo, o que não é bom sinal.

PRAGMATISMO

Na semana passada, durante — é claro — uma de suas andanças políticas pelo interior do Estado, o ex-governador Laudo Natel disse que:

— não está fazendo campanha de candidato, mas admite que esteja fazendo campanha política;

— é favorável à criação de mais dois ou três partidos, desde que o presidente Geisel considere conveniente;

— prefere as eleições diretas, mas não considera antidemocráticas as indiretas;

— não acredita que tenha havido, até agora, qualquer alteração nas regras do jogo.

E concluiu, placidamente:

"Danço conforme a música".

AZAR

— Ministro Severo Gomes, o sr...

— Corta! Corta! Isso dá azar.

(Reação do ministro Severo Gomes, quando uma mocinha, repórter de televisão, aproximou-se dele chamando-o pelo nome do ex-ministro da Indústria e Comércio).

MULTI-ÁGUA?

Durante o almoço no Senado, o senador Jarbas Passarinho pede água mineral. O garçom traz, Passarinho lê o rótulo da garrafa e comenta, surpreso: "Até nisso as multinacionais já penetram. Não é possível aguentarmos isso".

"O futebol brasileiro jamais perderá ser complexo de superioridade. Ainda que fracasse seguidamente em campeonatos mundiais". (Horácio Marana, Folha de S. Paulo, 24/1)

"Poderíamos ter ganho com facilidade o Mundial de 74. Vimos isso sábado, pela televisão". (Zé Maria, lateral da Seleção Brasileira)

"Há quem implique com nossa satírica, mas é assim que nós vivemos. Rindo da própria desgraça, tentando superar as coisas com humorismo". (Rui, do conjunto MPB-4)

"Muitas pessoas me perguntam o que é mais difícil: fazer rir ou chorar? Eu sempre respondo que é fazer rir. Chorar a gente chora todo dia" (Procópio Ferreira, ator)

"A corrupção é contemporânea do homem que vive em sociedade. Inerente à própria condição humana, ela, porém, viceja farta e quase sempre impune nas comunidades sujeitas à autoridade do arbítrio. O País, hoje, entre preocupado e perplexo, assiste ao constrangedor e frequente espetáculo de pequenas e grandes corrupções que se verticulizam pelos variados setores da administração em quase todos os níveis". (Editorial do Jornal do Brasil, 21/1)

"Não adianta combater efeitos: o essencial é eliminar as causas. Exatamente por isso, é loucura pregar qualquer reforma sem realizar, primeiro, a reforma do homem". (Do manifesto de fundação da Academia Brasileira de Escritores de Televisão, Rádio e Imprensa)

"Essa família nuclear que nós conhecemos está desaparecendo. Ela foi e é muito útil para as indústrias, para a colonização. Esta família não está morta, mas é muito fraca. Tem problemas. Em três gerações, ninguém conhece ninguém, ninguém ajuda ninguém. É um tipo de família independente que serviu para as migrações. E hoje, os apartamentos deixam todos distantes uns dos outros. Eu acredito numa família comunitária e não nesses atuais, condicionados pelos apartamentos. Uma menina não pode ficar morando na cozinha. Então, é muito bom o que se vê na adolescência: o jovem sai de casa e bota o pé na estrada". (Margaret Mead antropóloga americana)

"Não é questão de guerrear com o homem, não. Afinal, se os homens estão tão deformados, grande culpa cabe às mulheres, que os conceberam e educaram. O fundamental é falar aquilo que tem de ser dito. Há muita mulher, por aí, também, que não está com nada, que está mais por fora do que casquinha de sorvete". (Neide Martins, Última Hora-SP, 26/1)

"As coisas boas da vida, quando chegam, já chegam tarde. Por isso, agora só faço o que realmente acredito. Digo não, quando sei que estou certa. Ser simpática para quê?". (Marlene França, atriz)

"Estou na hora em que já se pode dizer tudo". (Antônio Carlos Jobim, compositor, no dia dos seus 50 anos, Jornal do Brasil, 25/1)

Mordomia é uma super briga entre cães e gatos, sob os olhos do dono.

Avalanche é um pedaço de ferro que pode ferir mortalmente.

Nosocômio é o hábito que os loucos têm de enfiar o dedo no nariz e depois lamber.

Concubina é uma fantasia carnavalesca que dá direito a abatimento no imposto de renda.

Honduras são pequenas celulites que as banhistas adquirem nas praias do Caribe.

Borderô é uma casa de má fama frequentada por banqueiros.

Dobberman é um penhasco alto pra cachorro.

Lumpen é uma lamparina usada pelos operários nas minas de carvão.

Deletério foi o imperador russo que menos durou no poder.

Tubérculos são doentes que só se alimentam de batatas.

Cardin é um óleo para engrenagens que mancha vestidos.

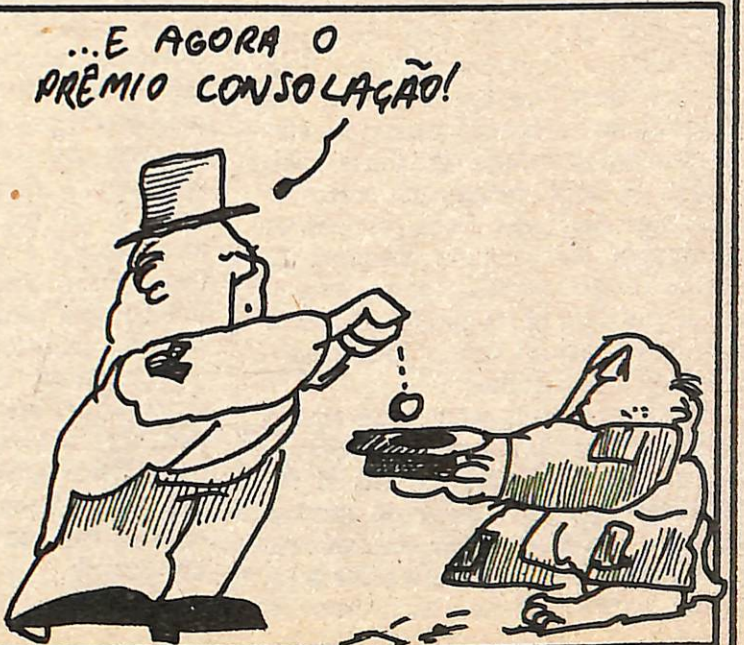
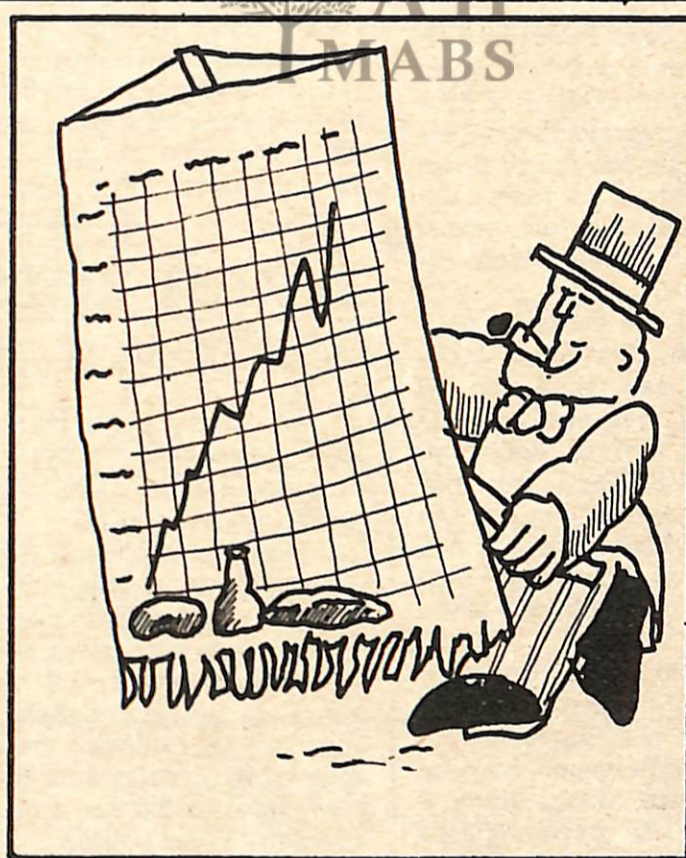
Bactérias são tambores minúsculos usados em música de laboratório.

Karl Maden é o único comunista que vive na capital do cinema.

Bijuterias são verdadeiras jóias da cozinha indígena.

Zarteu

INTERVALO





Mil palhaços (ou mais)

"A tese continua a mesma" (de um anônimo filósofo do carnaval, que sussurrou essa frase no meu ouvido, e que estou tentando decifrar até agora)

Agarramos a mulher pela cintura e fomos todos para o salão. E lá pulamos feito doidos e cantamos aquelas marchinhas com letras indecentes e depois arriscamos algumas graças no ouvido da mocinha do lado e aí ela ameaçou dar alguns safanões e então resolvemos parar com a brincadeira porque estava ficando muito arriscada. Então resolvemos sair um pouco para descansar que é o pretexto que a gente dá para beber muito uísque. Bebemos bastante uísque, mais do que comportávamos, e aos poucos começamos a ver tudo esquisito, meio nublado, meio fora de foco.

Então passaram uns amigos do lado com uma garrafa de cerveja na mão, a gente falou pra eles algumas coisas picantes no ouvido sobre aquela menina lá com as pernas de fora e aquela blusinha curta, meu Deus, e tomamos uns tragos de cerveja deles e deixamos que alguns dos goles tomassem o rumo errado, como por exemplo a fantasia que a gente estava vestindo, ou não estava.

E enquanto a gente ia dizendo coisas sem muito sentido, ou às vezes até com sentido demais, ia passando uns tipos estranhos de gravata e paletó olhando feio pra gente mas nós não demos nem bola mesmo porque a gente não liga muito para esse tipo de coisas e se fosse ligar, acabaria endoiando, mas aposto que os sujeitos mal encarados estavam com bronca da gente porque a gente estava se divertindo e eles não, bem feito.

Então a gente resolveu voltar outra vez para o salão e aí passou um engraçadinho que encheu a nossa boca de confete e a gente só não encheu a cara dele com uma bolacha porque na folia é preciso ficar com o espírito aberto e abrir uma janela no coração para a tolerância, principalmente se o cara que jogou confete na nossa boca é mais forte do que a gente ou se é alguém com quem não convém se indispor porque há certos interesses que prevalecem até mesmo nas horas de lazer, é ou não é?

Caímos no meio do salão, é verdade, mas a gente pode atribuir tudo isso às serpentinas e aos confetes e a estas malditas sandálias que escorregam, que porcaria, devíamos ter vindo com outra coisa a gente vai murmurando enquanto se levanta um pouco sem graça, com a ajuda de mãos solidárias e solertes.

Então saímos de novo do salão, desta vez de fininho, para ir outra vez até o bar e descontar o tombo com seis doses de uísque que foram subindo, subindo, enquanto as pessoas que nos cercavam iam ficando cada vez mais malditamente nubladas e fora de foco e suas palavras iam saindo

cada vez mais enroladas, e a gente não entendia o que eles queriam dizer, era um Deus nos acuda, e eles falavam uma coisa e a gente respondia outra e no fim todo mundo concordava com todo mundo.

Encontramos algumas pessoas interessantes que diziam coisas muito edificantes e às vezes um pouco menos, mas a gente não se incomodava com isso, porque a gente não estava nem mesmo em condições de se incomodar com nada, tudo era festa, e ganhamos até mesmo alguns beijos que foram devidamente retribuídos porque na folia, como todos sabem, prevalece o mais puro espírito de amor e as pessoas gostam muito uma das outras, tanto que até algumas andam abraçadinhas e bem juntinhas, se bem que às vezes mais do que amor isso possa ser atribuído ao desequilíbrio motor provocado pelo efeito do álcool, principalmente quando as pessoas que estão andando abraçadinhas e juntinhas pertencem ao mesmo sexo, a não ser que tenha havido por aí uma revolução sexual e a gente esteja por fora.

Então depois que dançamos muito, bebemos muito e gracejamos muito fomos ficando cada vez mais simpáticos aos nossos próprios olhos à medida que eles iam se fechando, tomamos a firme deliberação de sentar no chão antes que ele viesse a desaparecer definitivamente de baixo dos nossos pés, como estava ameaçando há já algum tempo, e mesmo porque do chão a gente tem uma visão mais completa do universo e tem uma base muito mais concreta para elaborar qualquer teoria sobre a influência do álcool na absoluta dissolução dos costumes por sua nociva participação no entorpecimento das células inibidoras do cérebro que ficam o ano inteiro impedindo a gente de fazer as únicas coisas gostosas e que realmente valem a pena, quais sejam, não vamos dizer aqui que não somos idiotas. Depois a gente desabou mesmo e saiu do ar e neste relato a gente deixou de contar muita coisa que a gente fez porque simplesmente a gente não se lembra de mais nada ou então porque, como dissemos acima, não somos idiotas, é ou não é?

No dia seguinte quando saímos à rua em plena ressaca alcoólico-moral, ficamos olhando para a cara das pessoas todas sérias e todas engravatadas e a gente chegou à conclusão que se havia mais de mil palhaços no salão — talvez uns mil e quinhentos, mil e oitocentos — aqui do lado de fora tem muito mais do que isso com a diferença de que os mais de mil sabiam que eram palhaços e é isso aí.

Sandro Vaia

PLANTÃO

Por volta do ano de 1400, o Imperador Frederico II da Alemanha, ordenou que se fizesse em sua Corte uma experiência (aliás brutal) com um grupo de crianças que deveriam receber tudo o que quisesse, menos qualquer manifestação de afeto: segundo os registros históricos, em pouco tempo todas aquelas crianças morreram.

Ao defender tese ("A delinquência e os nossos presídios") no II Seminário Paulista de Administração Penitenciária (promovido pela Secretaria da Justiça e Instituto de Medicina Social e Criminologia, e realizado recentemente na Faculdade de Direito da USP), a psicóloga Maria Antonieta de Castro Sá fez uma abordagem interessante sobre a problemática penitenciária.

Observando que nas últimas décadas as pesquisas psicoanalíticas e da psicologia social têm mostrado com muita frequência o princípio segundo o qual as primeiras relações infantis com o ambiente têm um papel preponderante na formação da personalidade do adulto, a psicóloga afirma e pergunta:

— Assim também a personalidade que se desenvolve num caminho deliquencial tem nas primeiras relações da infância as raízes de seu desajustamento; quais são então estas raízes?

De acordo com as observações de Maria Antonieta (graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica), os autores têm sido unânimes em apontar a rejeição precoce, ao lado de tratamento baseado na punição, como as origens principais dos sintomas deliquenciais, quais sejam a agressividade, a dificuldade para estabelecer elos afetivos duradouros e a negação dos valores sociais com toda a sorte de delitos em que isto pode implicar.

— De fato, afirma Maria Antonieta, nossa capacidade de afeto é uma função direta da chance que tivemos de receber afeto e proteção, principalmente nos três primeiros anos de vida; e é a satisfação de suas necessidades mais imediatas de alimentação, agasalho e proteção que dá a uma criança a chance de se sentir querida e de desenvolver, em consequência, um sentimento fundamental à formação da personalidade, qual seja a "auto-estima"; a não satisfação das necessidades básicas e imediatas estão na primeira infância: implica numa experiência de rejeição e esta implica regra geral num déficit de autoestima, que é um dos pontos nevrálgicos da personalidade delinquente.

II

Parte dessa análise da psicóloga se baseia em seu trabalho realizado durante o ano passado na Penitenciária Feminina da Capital. Em 1976, dos 86 casos de reeducandas que ela acompanhou, 69 apresentam indícios claros de rejeição — sobretudo paterna — antes da idade escolar, com um tratamento sempre muito punitivo por parte do meio em geral.

— E nossos registros de atendimentos de detentas — informa Maria Antonieta — são fartos de manifestações como esta, de uma reeducanda, que transcrevemos *ipsis literis* aqui: "... se ninguém dá uma prova de que gosta de mim ou se importa comigo, como é que eu posso me importar com os outros?..."

— Em verdade, quem tem oportunidade de contactar diretamente com a delinquência — prossegue a psicóloga — nem carece de explicações teóricas para compreender onde nasce este distúrbio: basta nos dispormos a uma atitude socialmente responsável e o compreenderemos bem facilmente; como poderemos esperar condutas satisfatórias de crianças que são entregues ao Juizado de Menores pela própria mãe, que na maioria dos casos só sabe ganhar a vida com a prostituição, ou de crianças que para escaparem à fome são entregues à primeira e qualquer família que as aceite e que em geral as aceita por muito precocemente explorar sua mão de obra, ou de crianças que mal sabendo andar e falar são lançadas às sargetas, muitas vezes para mendigar o alimento de toda a família? Como poderemos esperar que estes e tantos outros exemplos de crianças possam desenvolver a capacidade de acreditar em afeto ou de acreditar no outro — que somos nós mesmos — ou de respeitar os nossos valores?

Em seu trabalho, apresentado no II Seminário de Administração Penitenciária, a psicóloga Maria Antonieta de Castro Sá observa, ainda, que, uma criança desse tipo tem poucas chances de desenvolver sua auto-estima, evitar frustrações de qualquer espécie, procurando exigir a satisfação imediata de suas necessidades ou vontades. A capacidade de tolerar frustrações é limitada, mesmo no ser humano mais saudável e forte.

Todos falamos muito em trauma nos dias de hoje — pois um trauma nada mais é do que o resultado de uma frustração mais forte do que era a nossa capacidade de suportá-la; quando uma pessoa nasce e cresce experimentando mais frustrações do que satisfações, pode adoecer e até morrer, como já se verificou em 1400 na Alemanha de Frederico II.

O delinquente assim é, pois, numa tentativa doentia de manter-se vivo, diz a psicóloga: "está claro que são inadequados para ele e para a sociedade os seus meios de sobrevivência, mas na grande maioria dos casos estes meios foram os únicos que ele teve chance de aprender".

Certamente houve aplausos e reprováveis a essas manifestações da psicóloga. De qualquer forma, porém ela tocou num ponto que, acredito, seja fundamental: fechamo-nos em nossos gabinetes, atrás de nossos muros, a cuidar de uma parte da população, para que a comunidade como um todo não seja incomodada por uma doença que nela nasceu e para ela sempre volta — mas nos descuidamos de tratar dos etiologias deliquenciais que a própria comunidade carrega.

Percival de Souza

ASSINE
© JORNAL DE 2ª



ZONA FRANCA



BURACO

"Colaborando para a campanha sugerida por um leitor desse jornal, na semana passada - "denuncie o buraco de sua rua" - quero dizer que existe um enorme buraco na rua São Pedro, perto do Jaú F.C. (se não me engano, quase em frente a um açougue). Um engraçadinho che-

gou até a colocar uma placa lá, dizendo que era permitido nadar sem pagar nada (o buraco está cheio de água - pelo menos, estava quando passei por lá, no dia 7 de fevereiro). Que tal tomar providências? Um leitor

Issó mesmo: vamos trocar a água do buraco, para o pessoal nadar sem perigo de doenças?

"Com relação à carta de um leitor especializado em buracos, publicada na semana passada, gostaria de saber o seguinte: não foi criada a tal de "Operação Tapa-Buraco", no ano passado? Essa operação não está funcionando?" Eugênio Pimenta

Boa pergunta. Parece que essa operação foi criada justamente numa época em que certos jornais publicavam vistosos anúncios dizendo que Jundiá era uma cidade feliz, etc., etc, e tal. Você não "brincou conosco", na ocasião?

NICE GAL

Sr. Adorei o artigo "International Jeca" publicado na página 3 do último "Jornal de

2a. Feira". Não entendi lhu-fas, mas adorei. Até porque eu também não entendo nada do que Mick Jagger canta, mas sou fã incondicional dos Rollings Stones, Bye, bye, Marilza Mello.

Si ocê gostô, tá bão. Marirza. É bão que tenha gente sem preconceito aqui no arraiaá. Emerson, Lake & Palmer pr'ocê também, Marirza.

OLHA QUEM ESCREVEU!

A mensagem que, longitudinal e profundamente, insere esse jornal mostra que o

homem não é um brinquedo nas mãos das forças malignas e vítima de uma administração satânica; indica que é uma criatura de Deus. Como tal, deverá crescer e se tornar forte. Auçonio Tozetto

Taí, ouviram? Foi o Auçonio que falou.



OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana - Térrea, sala em L, lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência para empregada. Cr\$... 1.300.000,00 Oferta Central de Imóveis

Anhangabaú - Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00 Oferta Central de Imóveis

Jardim Brasil - Nova, com 3 dormitórios, todos com armário, sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil aquecedor central, armários externos, etc. Oferta Ribeiro

Parque do Colégio - Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. Oferta Central de Imóveis

Centro - Fina residência, parte superior com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, sala para TV, 2 banheiros completos. Parte térrea, sala grande em L com lareira, hall, banheiro social, cozinha tipo Kitchchen, com armário, sala de jantar, lavanderia, dependência para empregada, jardim, abrigo para 2 carros, quintal. Cr\$... 1.200.000,00. Oferta Ribeiro

Jardim Cica - Fina residência, estilo colonial, nova, com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, banheiro social sala com carpete, sala de jantar, cozinha com armários, lavabo, dependência para empregada, lavanderia, abrigo, jardim, quintal grande. Cr\$... 900.000,00 Oferta Ribeiro

Salão Comercial: aluga-se esplêndido salão comercial com 70 metros quadrados, mais W.C., todo azulejado até altura de 2 metros, em ponto central. Aluguel: Cr\$..... 7.000,00. Oferta Advocacia Predial

Jardim Brasil: aluga-se fina residência, rua Rangel Pestana, contendo 3 quartos, sala de visita, sala de jantar, hall, escritório, copa, cozinha, banheiro, quarto de empregada com W.C. e garagem. Própria para residência ou clínica. Aluguel Cr\$ 5.500,00. Oferta Advocacia Predial

Chácara: Vende-se chácara com 24.000 m2 a 1 km do asfalto e a 200 m do ponto de ônibus, a cinco minutos do Centro, contendo casa recém-construída, pomar em formação, pasto formado e água corrente. Estuda-se facilidades. Oferta Advocacia Predial

Vila Aparecida: Vende-se um terreno com duas casas sendo que a da frente tem quarto, sala, copa-cozinha, banheiro, terraço, garagem, e a dos fundos possui: estranda independente, quarto, sala, copa-cozinha, banheiro. Preço de ocasião. Facilita-se. Oferta Advocacia Predial

Jardim Cica: Vende-se em ponto privilegiado do Jardim Cica, bela residência com 2 quartos, sala, cozinha, banheiro completo, entrada para vários carros, quintal e jardim frontal. Pechincha. Oferta Advocacia Predial

Cr\$ 1.200 mil - Chácara Urbana - Com 3 quartos com armários, sendo 1 tipo suite, com banheiro, mais 2 banheiros completos, sala de estar e jantar em "L", sala para TV com lareira, escritório, copa, cozinha com armários, forno, fogão Kitchens e exaustor; hall social, dep. empregada, abrigo para diversos carros, lavanderia, terraço, jardins, etc. Acabamento de primeira,

acarpetada, azulejada, aquecimento central a gás, etc. Pode ser financiada. Oferta: Itupeva

Cr\$ 1.300 mil - Parque do Colégio - Em estilo colonial, com finíssimo acabamento, de ótima construção, em terreno estaqueado. Nova, com 3 quartos com armários centrais, sendo 1 tipo suite, banheiro triplex, banheiro social, sala de estar com lareira e piso de peroba rosa, sala para TV e jantar, cozinha com armários, exaustor, forno e fogão kitchens, abrigo para 2 carros, lavanderia fechada com armário, jardins, bom quintal, dep. de empregadas, aquecimento a gás etc. Pode ser financiada. Oferta Itupeva

Cr\$ 1.000 mil - Vila Progresso - Térrea, com 3 quartos com armário, sendo 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar ampla em "L" copa e cozinha, dependência de empregada, lavanderia, salão de festas, abrigo, etc. Casa nova, em fino acabamento. Alto da Vila Progresso, próximo a Dubar. Oferta: Itupeva

SÍTIOS E CHÁCARAS

Mogi-Guaçu 1.00 m2 fazendo fundos com o Rio, ótimo para pescar, local de muitos peixes, inclusive um bote para pescaria, casa com 3 dormitórios, sala, cozinha, banheiro, toda mobiliada, televisão, jogo de boccie, bilhar, abrigo para 2 carros e diversos pés de frutas, a 300 metros do asfalto. Preço: Cr\$ 300.000,00 de preferência faz permuta com terreno na Vila Arens. Oferta Ribeiro

Engordadouro - com 4 alqueires e 3/4, excelente para Clube de Campo, com: casa sede, casa para caseiro, nascente, poço artesiano, 2 alqueires de mata, pomar. Preço de ocasião. Oferta Ribeiro

Jundiá-Mirim - 22600 m2, plana, luz, água corrente, pomar, ótima topografia. Apenas a 300 metros do asfalto. Cr\$ 700.000,00 Oferta Ribeiro

Malota - magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivendo estilo "clássico", 3 dormitórios, 1 suite vestibulo, duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$ 1.800.000,00 Oferta Central de Imóveis.

Nova Era - Chácara maravilhosa, 2,5 alqueires excelente vivenda, sala ambiente, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro. 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) Oferta Central de Imóveis

Casa de Campo - Cr\$2.500 mil - Maravilhoso sítio, com 2,5 alqueires, de topografia muito bonita, com 5 nascentes, 2 lagos, 1 bosque de pinheiros, 1 casa-sede com 4 quartos amplos, sala de estar, sala de jantar, 3 banheiros, cozinha, varandas e garagem; 1 casa de caseiros, com 3 quartos, sala, cozinha e banheiro piscina com 65.000 litros, com filtros e bombas, vestiário, quadra de futebol de salão, 1 barração com churrasqueira, 1 barração para depósito, 2 estábulos, 5 cavalos, com luz mercúrio, pomar, 5000 pés de eucaliptos, jardins etc. Porteira fechada. Oferta: Itupeva

Chácara - Cr\$ 150 mil - Com 5.000m2, plana, com luz, só terra, muito bem localizada, no perímetro urbano de Itupeva, no loteamento Guacuri. Ocasião. Estuda-se pequena facilidade. Oferta Itupeva

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

ITUPEVA

R. Moreira César, 139 - Fone: 434-9317

RIBEIRO IMÓVEIS

administração e venda

rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479 tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiá, 1080 Fone 434-3311



ADVOCACIA PREDIAL

ALUGA - VENDE - AVALIA. ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS ASSISTÊNCIA JURÍDICA.

R. Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19:00 hs.



PAX

(Censurado: proibido para menores de 18 anos)

Era madrugada. Uma garoeira sem fim chorava nos beirais dos telhados; daquelas garoas que só em São Paulo existiam. E garoava sem ter e nem pra que, como se fosse tempo de chuva. E nem era tempo de chuva, qu'era tempo de revolução.

Como, revolução? Qu'estava acontecendo, tudo tão quieto, nem tiros, nem granadas, ond'estava o ronco das bombardas?

Nada. O povo, assustado com o silêncio, foi aparecendo nas ruas; e indagavam-se, falando baixo, como se o coisa ruim estivesse à solta ou (quem sabe?) desgraceira ainda maior?

Por fim, a constatação do inesperado: tinha se acabado, a revolução se fora, fuzis e caminhões, nem um pio. A revolução se fora, assim como viera. Sem explicações.

No começo fora assim: ontem, a paz; subitamente, nu'a madrugada como aquela, bum! era hoje a revolução. Sem explicações.

O povo nem sabia mas, em defesa dele 'tava começando uma revolta; e em defesa do povo alguém respondia tiros com tiros.

— Os estranjas tão invadindo a cidade — gritavam uns.

— Tão quereno fazê a pícola itália — aventavam outros.

— Mais as tropas tão tudo aí, na defesa do que é nosso!

— E de que banda el'estão?

— Num sei. Acho que da Penha...

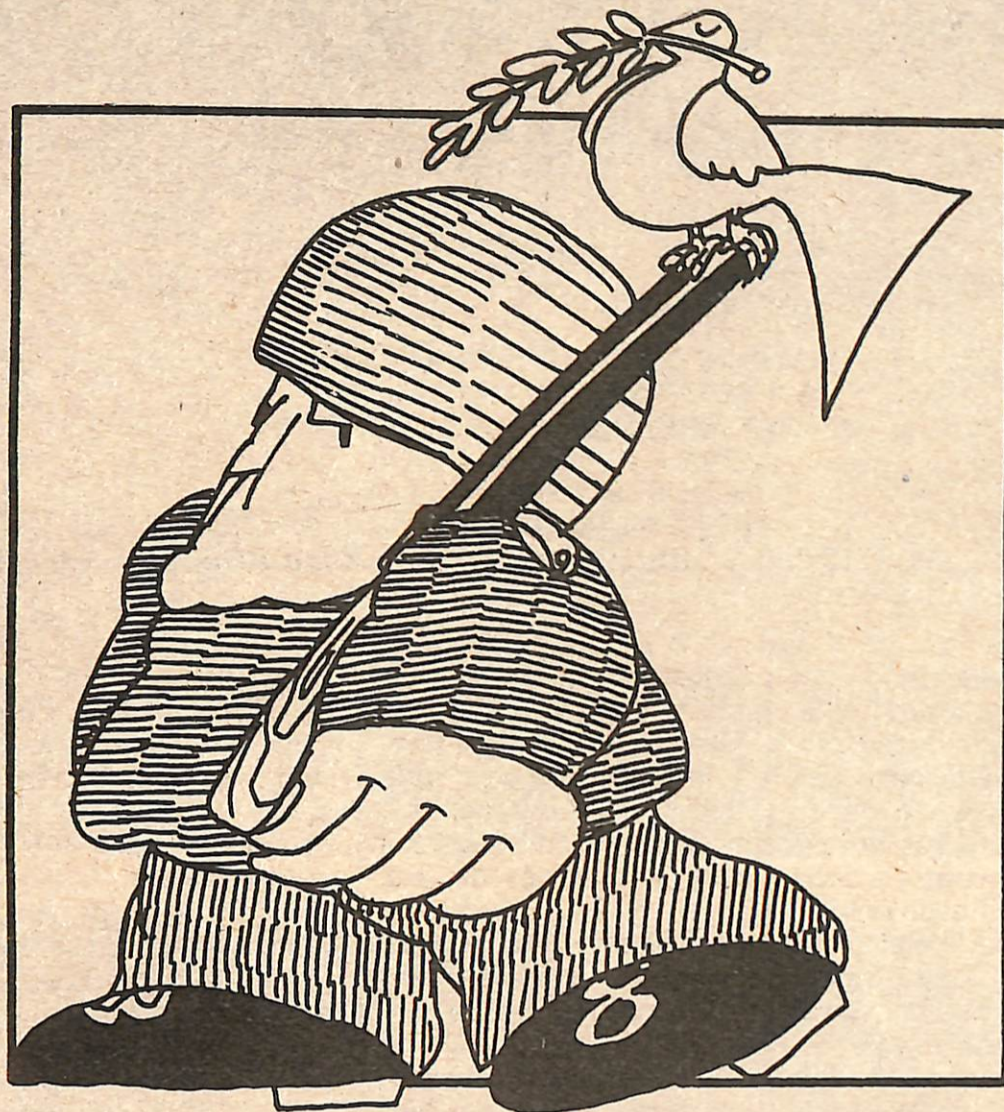
— Que nada. Vim agora do Lavapés, o ronco vem lá do Ipiranga...

— Cuidado que lá vem fogo!

Contei qu'era têia pra tudo lado? E que o povo, eujis interesses estavam sendo defendidos por ambas as partes, tava ali no meio? E que cada bombarda matava oito por um tostão?

Que estranjas que nada. A realidade era bem outra: eram as oligarquias cindidas, a parte contrariada acusando a dominante de ilegalidades administrativas. E para que a lei fosse cumprida usavam de um meio ilegal — a revolução — para que o Estado de Direito fosse obedecido. Se os revoltosos ganhassem seriam os heróis e seria uma boniteza ser revolucionário, honra tão grande não caberia num peito só, todo mundo era revolucionário. Mas não ganharam; e então tiveram que fugir.

Como? O povo? Na mesma: bom, na mesma não, que agora sim, ontem fora a revolução, hoje era a paz. A Paz. E o povo



feliz, afluiu às ruas e cantou alvíssaras meu rei, aliviado da tensão de guerra.

As revoluções ficam registradas; mas os motivos, meio sussurrados, ficam à margem da História; ouvi, mas não sei onde o galo cantou.

Faz lembrar a velha estória, mas que m'importa, vou contá-la assim mesmo.

Era uma vez um pobre lavrador que morava no fundo de uma floresta. Sua casinha era pequenínssima e a filharada enorme.

Desanimado, foi aconselhar-se com um Pai-de-Santo.

— Qué qu'eu faço?

— Ocê fai tudo qu'eu mandá?

— Faço. Paga a pena?

— Paga. Ocê vorte e recoia todas galinha drento da vossa casa.

— Mai ói qué umas corenta...

— Vai fazê?

— Vô.

E foi. E passou um dia. E voltou.

— Num guento mai, Pai-de-Santo...

— É? Intão vorte e recoia tamém as cabra.

— Mecê maluqueceu... tenho óito... as galinha tão em riba da mesa, no poiá do fogão, na cabeceira das cama, e agora as cabra?

— Vai fazê o num vai?

— Vô.

E foi.. Outro dia. E voltou.

— Ara, pai, cumé...

— Feis o que mandei?

— Fiz...

— Intão agora recoia os porco.

— Misericórdia, não!

— Vá!

Foi. Mais um dia. E voltou. E recolheu mais dois cavalos, depois a vaca, e os dois perdigueiros.

— Pai-de-Santo, tô doente, meu povo tá maluquecido, doideira mais grande nunca vi, tô qu'ê só titica de galinha por tudo...

— É? Agora vorte. Tire as galinha, as cabra, os porco, os cavalo, os perdigueiro, e vaca... e veja que casona ocê tem...

Quem tava contando est'estória numa roda de prosa, no entardecer do dia da Paz, lá em Vila Clementino, tarde festiva de fim de revolução, era o Zé Sábio. Naquela roda de prosa, felizes, os peitos inchados de gostosura, tavam reunidos — ainda garoava — o Faustão, o Língua-de-Vaca, o Nicoló, o Everardo e mais uns tais que não me lembro mais, que já é milagre a lembrança dessas coisas de um antanho de mais de cinquenta anos, meio século.

E o Zé Sábio, contador dos bons, sabia de um tudo, não havia o que não explicasse com todos os etecéтарas. E tal e coisa, de uma feita explicara para um

artilheiro da marinha que aparecera por ali, não se sabia como, que artes e malícias eram necessárias para se fazer o cano do canhão — deu até o nome do tal célebre canhão, era Santa Marta (ou Santa Maria? o dr. Zé Carlos falou qu'eu tô com arteriosclerose na cabeça, não lembro bem das coisas) que por fora er'ajo fundido, que por dentro er'ajo forjado (ou seria ao contrário?). O tal artilheiro ficou bobo, nem sabia nada disso, já se viu danadeza tão grande, danado de Zé Sábio? Mais tarde fiquei sabendo qu'ele nunca tinha visto um canhão de perto...

Falei qu'ele sabia de tudo? Até línguas ele sabia, até português. Pois numa discussão — braços ligeiros, as mãos eloquentes sublinhando sua sabedoria, arrasou com um estudante de Direito, deu-lhe uma sova de gramática expositiva — ou seria sintática? ou era análise lógica? ou... sei lá?

— ... e fique ocê sabeno (o dedo em riste) danação é verbo substantivo que no gerúndio é participio futuro mais que perfeito. Viu?

E foi s'imbora antes que o tal estudante de Direito voltasse a si. Perdera a parada diante da turma da Vila, que respeitava o Zé Sábio, cada veis mais cada veis, inteligência assim era grande demais, êta ferro!

Zé Sábio. Apelido? Que nada. José Xisto Sábio Xavier, isto sim qu'era nome.

Pois além disso, como todos os intelectuais, Zé Sábio era fanático pelo trabalho, Onde estivesse gente trabalhando, ali tava ele, olhando.

Depois da estória, continuou explicando:

— A revolução foi feita pr'isto. O povo tá descontente, desarrumado, desinqueto. Aí intão tacam tiro, granada, ronca a bombarda, o povo vê o qu'ê ruim. Aí intão acabam c'o baruido, o povo vê o qu'ê bão, ficamo tudo contente.

— Anche in Italia é proprio cosi, fra due guera... arrematou o Nicoló.

Ruim pra todo mundo, uma ova, que o Faustão e o Nicoló tavam ricos.

Fausto Silva & Giovanni Nicoló
Armazém de Secos e Molhados,
Finos. Atacadistas

Com aquele mundão de saques durante a revolução de 24, iam ser o quê?
Atacadistas.

ASSINE © JORNAL DE 2ª

NO DESASTRE DA SERRA, A ÚNICA VÍTIMA FOI A CIDADE.

NO COMEÇO DE 1975, TEVE INÍCIO
A RETIRADA DE CASCALHO
DE UMA ÁREA DE PRESERVAÇÃO NA
SERRA DO JAPI. AGORA,
DONOS DAS TERRAS E A
PREFEITURA BRIGAM NA
JUSTIÇA. E A CIDADE JÁ ESTÁ PREJUDICADA.

Enquanto houve o acordo entre as duas partes, a Serra do Japi foi sendo depredada ostensivamente para ceder cascalho às obras fabulosas do Sistema Viário de Jundiá. Mas surgiu um desentendimento sobre quem deveria pagar a retirada do material à família Storani proprietária da área. Agora, a luta se trava judicialmente.

Nesse jogo de interesses, de um lado a administração municipal passada e do outro os Storani, ninguém ainda sequer falou dos graves prejuízos ecológicos que a exploração do cascalho trouxe àquela reserva. Contrariando frontalmente o Código Florestal, que prevê a manutenção das áreas de preservação permanente, os responsáveis ainda não se dispuseram a reparar a área.

É certo que uma das primeiras medidas do atual coordenador de Planejamento, o arquiteto Antônio Fernandez Panizza, foi o de procurar na legislação vigente uma forma para obrigar os culpados a recuperar a área atingida. Mas, apesar do código ser claro nesse aspecto, não se pode apurar ainda a penalidade a ser aplicada nos contraventores.

Enquanto prossegue a batalha judicial, tudo está paralisado na Serra do Japi. Mas ainda persiste o perigo de continuarem as escavações, já que descobriram ser de excelente qualidade o material dali retirado e aplicado como base do asfalto. E não se pode ignorar que existe uma Via Norte que passará nas proximidades, tornando aquela jazida bastante atraente aos construtores da nova estrada.

MANDADO DE SEGURANÇA

Nas mãos do promotor Paulo Nogueira Leitão está o mandado de segurança impetrado pelos Storani contra a declaração de utilidade pública da área (dividida em duas partes) de onde estava sendo retirado o cascalho. Medindo 66.496 metros quadrados, os dois locais (um em declive e outro no topo do morro) seriam depois desapropriados.

Mas, os proprietários, através do advogado, consideraram a declaração de utilidade pública, datada de 13 de janeiro de 77, inconstitucional e ilegal, já que a única alegação para o fato foi de que era para "atender às necessidades do Sistema Viário". Além disso, acharam ter havido abuso do poder e chegaram até às raíais da ironia: alegaram desconhecer qualquer projeto de instalação de um teleférico no local.

MÁ FÉ

Por sua vez, a procuradoria judicial da Prefeitura argumentou que houve grande má fé por parte dos proprietários, já que nenhuma outra providência para desapropriar a área tinha sido tomada. E esgrimindo com complicado "direitês", defendeu-se de todas as outras acusações.

Foi concedida a medida liminar no dia 25 de janeiro. Cinco dias depois, o processo, já com as informações da Prefeitura, foi enviado ao Fórum. Desde o dia 9 o documento se encontra com o promotor, que deverá dar parecer e encaminhar ao juiz.

Caso o juiz decida a favor do mandado de

segurança, os Storani terão de volta suas terras. Mas, se acontecer o contrário, há recurso que lhes resta a instância superior que, se concordar com a sentença do juiz local, então a Prefeitura ficará com dois locais devastados e inúteis dentro de uma reserva florestal.

Esse é um dos maiores paradoxos da pendência. Para a Prefeitura, ciente da condição da área como sendo de preservação permanente, pouco adiantará ser dona, pois estaria literalmente amarrada com o Código Florestal, que não permite essa escavação porque compromete o equilíbrio ecológico daquele setor.

Mas, o assessor jurídico do prefeito, José Roberto Machado, posteriormente, deu um outro parecer. Em dez laudas, usando a costureira "direitês", o advogado conseguiu convencer o prefeito de que a melhor forma de contornar o problema era desapropriar a área, no que Ibis concordou e mandou tomar as providências necessárias para a efetivação da proposta do advogado.

Tudo isso está registrado num processo administrativo, truncado pela medida de segurança impetrada pelos Storani. Caberá à Justiça decidir essa pendência de resultados ainda obscuros, já que pouco se pode perceber com relação às intenções dos proprietários.

Um fato é bastante comentado nos corredores da Prefeitura. Diz-se que não interessa ao município tomar posse daquela área devastada na Serra do Japi. Uma posição compreensível se se levar em conta de que

tudo aquilo será praticamente inútil. Então, será muito mais cômodo deixar para os Storani os locais devastados para que façam o que bem entenderem.

E é aí onde está o maior perigo para a reserva florestal. Procurado há algumas semanas, Joaquim Storani chegou a marcar uma entrevista com o J2a. para prestar alguns esclarecimentos a respeito desse problema. Depois de algumas esquivas, foi perdido o contato com ele.

De qualquer forma, o mal está feito e deveria ser reparado. Apurar as responsabilidades está um tanto dificultoso, apesar dos esforços da Coordenadoria de Planejamento da Prefeitura que pretendia, legalmente, fazer com que a devastação fosse consentada.

Para os proprietários a retomada da área significaria a possibilidade de explorar a jazida de cascalho, mas também estaria frontalmente contra a lei. E não há nada ainda que os obrigue a recuperar os locais danificados. Tudo isso poderia ser contornado caso haja, legalmente, uma verdadeira mina funcionando ali. Mas não parece ser de interesse da cidade continuar esburacando um dos últimos redutos ecológicos de que dispõe.

Na verdade, tudo isso começou por interesses da administração passada, com a convicção, no princípio, dos proprietários. Apesar dos mais de quatro quilômetros entre a jazida e a via Anhangueira e outro tanto para se chegar aos locais das avenidas, essa distância foi um dos argumentos para se começar a retira-

da do material, em meados de fevereiro.

CAMINHÕES E MAIS CAMINHÕES

Dois meses depois de iniciada a operação "buraco", segundo os Storani cerca de 5 mil caminhões de cascalho haviam sido retirados pelos apressados basculantes a serviço da Andrade Gutierrez. Nessas alturas dos acontecimentos, do centro da cidade já era possível ver os estragos feitos na serra.

Mas, como se tratava de um negócio, tratado sem nenhum documento ou compromisso de qualquer das partes, no dia 14 de abril, os proprietários endereçaram à Prefeitura uma proposta de permuta do cascalho com horas-máquina em terraplanagem em propriedades suas. O preço base era de Cr\$ 6,00 o metro quadrado.

A procuradoria judicial da Prefeitura deu um parecer onde se colocou contra a proposta. Entendeu que era unicamente competência da empreiteira fornecer todo o material e não à Prefeitura.

A Serra do Japi é um imenso manancial de riquezas naturais e foi aberto um perigoso precedente com esse episódio. Já existe também um loteamento regularizado em setor de preservação. Em nome do bucolismo tão em moda atualmente, e da necessidade de extrair minérios ou similares terá algum sentido destruir, sem quaisquer outros escrúpulos, as florestas e o paisagismo, além de devassar definitivamente todas as cachoeiras e córregos que serpenteiam pelas ainda puras encostas da serra?

(C.K.I.)

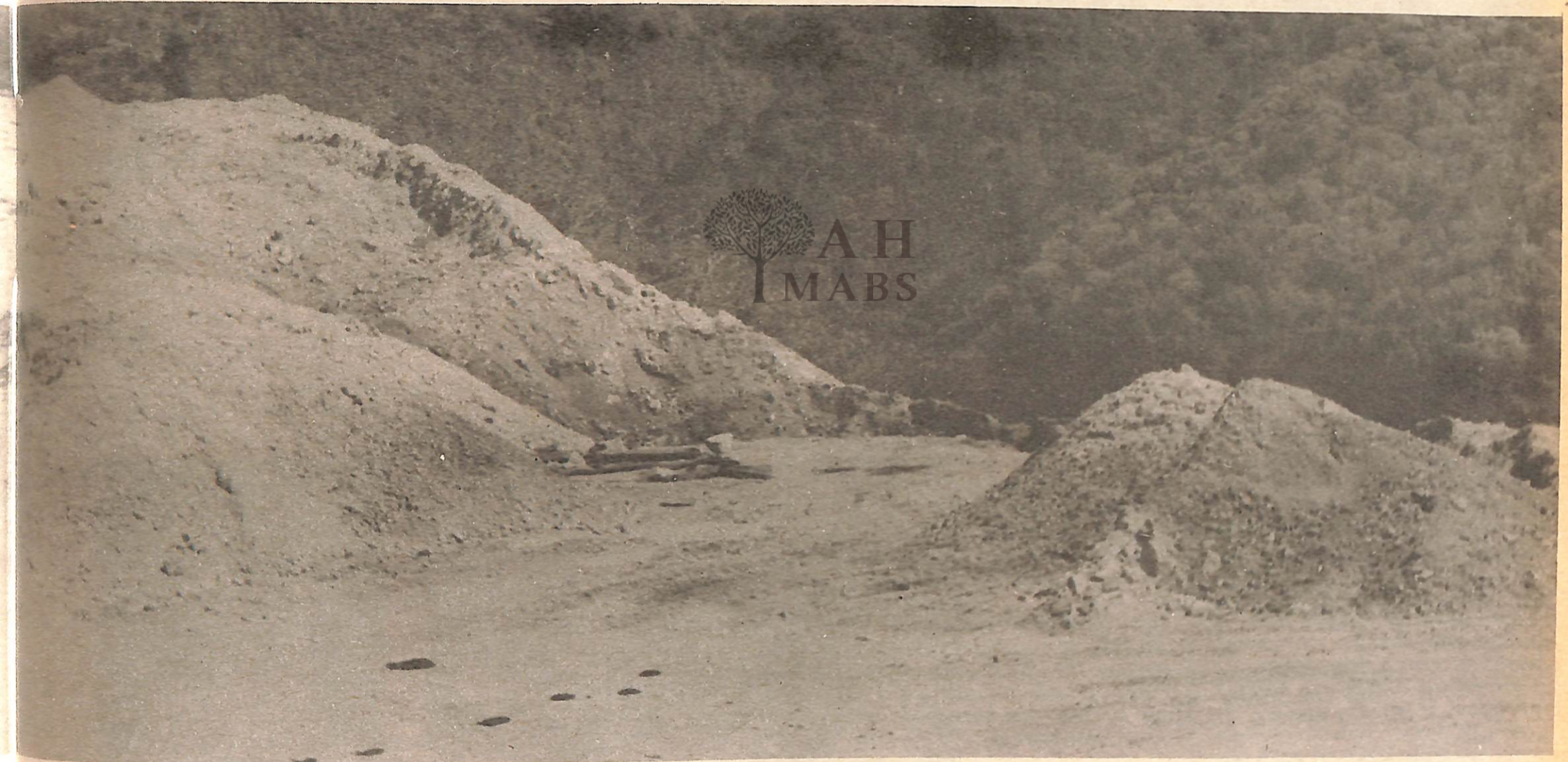
Na encosta...

No topo...

Floresta...
O...
ção...
1965...
dos...
que...
nessas...
bições...
de...
cionais...



...ro, a devastação.



...ção proibida.

AQUI, O QUE É CONTRA A LEI.

— derrubar mata natural (exceto quando houver autorização do órgão competente);

— penetrar em florestas de preservação permanente portando armas ou substâncias própria para caça ou retirada de produtos ou sub-produtos;

— fazer fogo em vegetação sem tomar as precauções adequadas;

— caçar num raio de 5 km das reservas florestais;

— desmatar topos de elevação, encostas ou ao redor de nascentes e margens de cursos d'água.

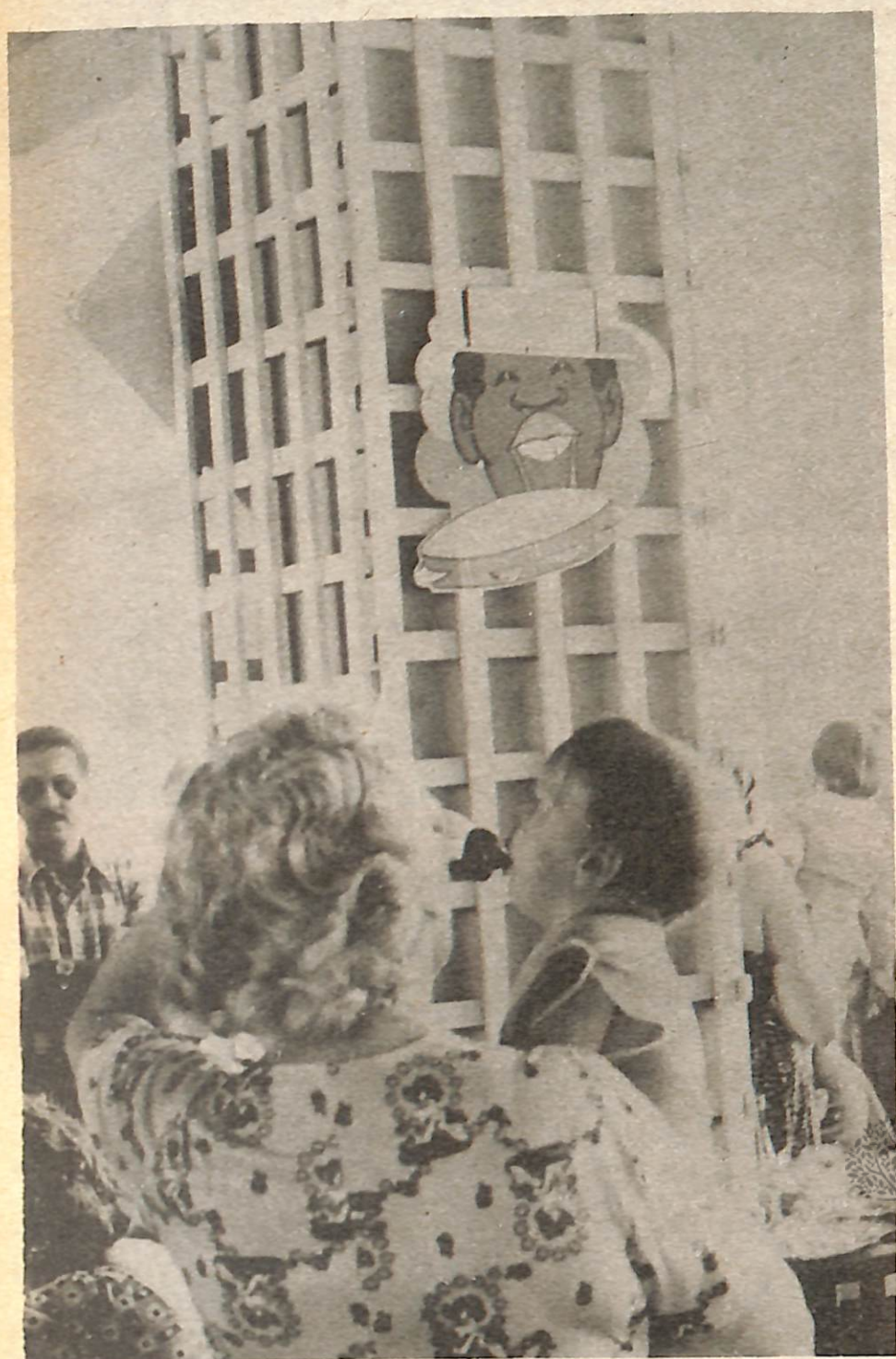
Além disso, o Poder Público Federal pode reflorestar ou florestar área de preservação permanente em pro-

priedades privadas, sem desapropriá-las, se o proprietário não o fizer. Só haverá indenização se as áreas tiverem alguma espécie de cultura.

A legislação também prevê a manutenção de 20% da vegetação quando houver derrubada de mata. Em alguns locais, como Francisco Morato, Cabreúva e cidade próximas, a reserva é de 50%.

o Florestal é uma legisla-
ta de 15 de setembro de
como objetivo a defesa
c: naturais. Não há nada
a exploração do turismo
mas há uma série de proi-
impedir qualquer espécie
crime:
danos nos parques na-
duais e municipais;

RENATO VÊ O CARNAVAL:



IMABS

JUNDIAI CLÍNICAS



Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira Moraes, 242
Fones: 434-1067, 434-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória s/n.o - J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666





E AGORA, CHEGA DE JUIZ LADRÃO.

Quando o brutamontes lateral esquerdo Cláudio Mineiro, que o Coríntians descobriu em algum lugar êrmo deste país, arremassou ao ar o frágil ponta direita Lula, que aterrisou no chão com a clavícula à mostra, e o juiz cinicamente marcou tiro de meta, não havia finesse possível. O recatado e gentleman senhor Roberto Belangero, um homem de gestos mais ou menos comedidos e de poucas palavras feias, levantou-se de seu banco e tentou fazer justiça com as próprias mãos.

Edson Massa, indigitado juiz, houve por bem colocar o sr. Belangero para fora do campo. E em seu longo e prolixo relatório pediu que ele seja suspenso por um bom tempo, por tentativa de agressão. Pediu também a suspensão do sr. Décio D'Angieri, vice-presidente do Paulista, que momentos antes de Belangero já havia tentado uma arremetida contra os desmandos do juiz. E pediu mais: que o campo do Paulista seja interdito, porque ele e seus dois colegas de uniforme preto foram alvo de uma saraivada de latínhas de cerveja, se bem que vazias.

Agora, o Paulista vai ter que desembolsar seis mil cruzeiros dos seus ralos cofres para pagar os conhecimentos jurídico-desportivos do advogado Pedro Andrade, velhíssima raposa dos tribunais de justiça esportiva do país. Esse dinheiro servirá para que o sr. Pedro Andrade tente,

como se diz na linguagem popular, "limpar a barra" do técnico Belangero, do vice-presidente D'Angieri e do campo.

Na quarta-feira á tarde, o presidente Vanderley Pires esteve na Federação Paulista de Futebol dirigindo alguns impropérios contra os responsáveis pela escalção de Edson Massa para apitar o jogo Paulista x. Coríntians. Afinal, esse senhor, junto com Nilson Cardoso Bilha, Sílvio Acácio Silveira e outros menos votados, estão há longa data na lista negra do Paulista. Massa, no jogo contra o Coríntians, segundo dirigentes tricolores, teria cometido, matematicamente, o quinto assalto contra o Paulista. Em jogos anteriores, em Piracicaba, Ribeirão Preto, Campinas e outros lugares ele já havia se notabilizado pela, digamos assim, falta de imparcialidade.

Os sub-cartolas da Federação Paulista, responsáveis pela escalção de juízes, reconheceram que foi, no mínimo, uma falta de tato escalar Edson Massa para apitar o jogo de um time que o vetou, e no campo desse time. E o representante da Federação, que estava no campo, disse em seu relatório que Edson Massa não foi o mesmo bom juiz, que "não teve pulso", e deixou de marcar um "pênalti indiscutível contra o Coríntians".

Mas agora é um pouco tarde para chorar.

Na tarde de quinta-feira, no campo do Paulista, Décio D'An-

gieri e Roberto Belangero trocavam um comovido abraço. Foi o primeiro reencontro dos dois expulsos, depois dos incidentes. E os dois se chamavam, carinhosamente, de "arruaceiros".

D'Angieri diz que qualquer dia destes ele dá a volta olímpica e pendura as chuteiras, porque seu coração não aguenta mais essas coisas.

Belangero conta que, depois do lance de truculência de Cláudio Mineiro, perdeu as estribeiras contra o juiz. Foi expulso e já ia saindo calmamente, de cabeça mais fria:

— Aí, o bandeirinha, que passou o jogo inteiro de dedo em riste na nossa cara, olhou com um sorrisinho irônico, de escárnio. Foi então que perdi a cabeça de novo e parti para cima dele.

Essas arbitrariedades, de juízes e bandeirinhas, levantaram a velha tese, que Belangero e D'Angieri discutiam acaloradamente: e o juiz, quem é que julga os erros do juiz?

— Acho que deveria haver um tribunal especial para julgar também os erros do juiz. A imprensa, que é neutra, o videotape, tudo isso deveria servir de prova.

Se o jogador, o técnico ou os dirigentes erram eles são punidos. Mas os juízes podem errar à vontade, que nada acontece contra eles. Essa é uma tese exaustivamente discutida. E o que fazer? A imprensa já sugere

rlu várias vezes que se crie um tribunal especial, que se use a revolução tecnológica do videotape para dirimir dúvidas em cima do próprio lance.

Mas enquanto isso não acontece, acontecem espetáculos como o de sábado passado, no campo do Paulista.

E sobre as cabeças do técnico e do dirigente, paira a ameaça de uma suspensão de até seis meses. Fora a ameaça de interdição do campo, que pode deixar o público sem o seu espetáculo.

Mas depois de tanta truculência, um pouco mais calmo, D'Angieri volta a falar de coisas amenas. O Paulista ganhou mais de 150 mil cruzeiros livres, no jogo de sábado, e continua em sua ingloria busca de uma miragem chamada centro-avante. A última tentativa foi Lance. No sábado mesmo ele disse que aceitava vir para o Paulista, porque já não aguenta mais o Coríntians. Mas não quer vir emprestado. Quer vir em definitivo. Mas o Coríntians, que mal o tolera, não quer desfazer-se dele por menos de 500 mil cruzeiros. Onde arrajar tanto dinheiro?

Enquanto isso, prepara-se a volta do ponteiro Nascimento, que está no Saad e andou brilhando numa exótica excursão de uma seleção paulista do Interior pelos campos da Ásia. E esse é um negócio bem mais viável, porque ele é bem mais baratinho. (S.V.)



"All the Way Boys": aqui, "Dá-lhe Duro, Trinity".

A CONFUSA ESCOLHA DO TÍTULO DE UM FILME

Shane, de bruto não tinha nada. No entanto, o filme foi exibido com o título de "Os Brutos Também Amam". E "High Noon", cuja tradução literal seria "No Auge do Meio-Dia" é aplaudido até hoje como "Matar ou Morrer".

São apenas dois exemplos de uma confusão explicável sob o ponto de vista comercial. Afinal, a maioria dos produtores tem certeza de que um título tanto pode fazer um filme conseguir sucesso absoluto de bilheteria como fazê-lo fracassar. Quantas vezes você não foi ao cinema influenciado pelo título?

É por isso que "Wild Bunch", de Sam Peckinpah, cuja tradução literal seria "Bando Selvagem", recebeu o título de "Meu Ódio Será Tua Herança"; "La Curée" ("A Madrasta") ficou sendo "O Perigoso Jogo do Amor" Sem falar nas dezenas de Djangos, Gringos, Trinities que pululam por aí, quando o título original não tem nada disso.

Alguns diretores exigem que seu filme tenha o mesmo título. Por exemplo: "Blow-Up". Nesse caso, porém, a exigência de Michelangelo Antonioni caiu diante da censura e aí entrou o subtítulo "Depois Daquele Beijo...". Stanley Kubrick não

teve a mesma sorte, embora o título de seu "A Clockwork Orange" fosse traduzido literalmente — "Laranja Mecânica": o filme foi proibido aqui.

OS CRITÉRIOS

A maioria das companhias cinematográficas segue critérios estabelecidos para a titulação em português dos filmes estrangeiros. O fator comercial existe, mas hoje em dia tem sido bem grande a preocupação em procurar manter, de alguma forma, ou o título original, ou a tradução literal, ou ainda um título que tenha ligação direta com a história apresentada.

Mas, às vezes, o título original não tem nenhum significado em português, como é o caso de "Blazing Saddles". No original, quer dizer "Selas Ardentes", referindo-se a sela de animal. Como não é um título comercial, evidentemente, ficou sendo "Banzé no Oeste".

Existem também as coincidências. "O Conde Drácula", por exemplo, não pode ter esse título aqui no Brasil porque já havia outro filme registrado com esse nome. Então, está sendo exibido por aí com "O Castelo do Conde Drácula". Mesmo "O Poderoso Chefão", que no título

original é "The Godfather" ("O Padrinho"), não pode chamar-se simplesmente "O Chefão", como o livro de Mario Puzo. É que antes passara um filme francês com esse nome — "Un Condé", de Yves Boisset. (Quando esse "O Chefão" foi reapresentado no Brasil, houve, inclusive, críticos que acharam que se tratava de um título feito propositalmente para confundir os espectadores interessados em assistir ao "O Poderoso Chefão"; na verdade, o relançamento é que foi proposital).

IMABS AS EXCEÇÕES

Há, no entanto, uma lista enorme de filmes que são mantidos em seus nomes originais, caso destes, por exemplo: "Louise" — "Luísa"; "Le Magnifique" — "O Magnífico"; "Amarcord" — "Amarcord"; "La Nuit Americaine" — "A Noite Americana"; "The Candidate" — "O Candidato"; "The Great Gatsby" — "O Grande Gatsby"; "The Exorcist" — "O Exorcista", etc.

Um caso engraçado: há uns três ou quatro anos, apareceu por aqui um filme cujo título original era "SSSS..." que queria representar o silvo de uma serpente. O jeito foi colocar "O Homem Cobra".

NÃO FIQUE EM CASA, ESTA SEMANA. VÁ AO CINEMA!

A Empresa Jundiáense de Cinemas Ltda, acertou em cheio com sua programação desta semana. Os jundiáenses terão o privilégio de assistir a verdadeiras obras-primas, sem precisar sair de casa para ir a São Paulo ou Campinas. Aliás, parece que esta fase está mesmo acabando, a julgar pelos últimos filmes apresentados aqui e pelos que você poderá ver esta semana. Basta conferir:

Vitória em Entebbe- De 28/ 2 a 4/3, no Marabá.

Gattor, o Invencível- Dias 5 e 6, no Marabá.

Reformatório de Mulheres Perdidas - 28/2 a 1/3, no Ipiranga.

Aí Vai Um Valente - 2 e 3, no Ipiranga.

O Dia dos Profissionais - 4 e 5, no Ipiranga.

Sol Vermelho - 6/3, no Ipiranga.



"Entebbe": o fim dos sequestradores.

VITÓRIA EM ENTEBBE: QUANDO A CÚLPA PODE SER COLOCADA NA PRESSA.

Que esperar de um filme feito às pressas, como este "Vitória em Entebbe", em exibição esta semana no Marabá?

Com o que se pode chamar de super-elenco, o filme foi rodado em seis meses, a contar do dia da operação israelense em Entebbe, Uganda, dirigido por Marvin Chomsky, velho conhecido de intragáveis séries feitas especialmente para a televisão.

Logo no começo, os passageiros estão embarcando no aeroporto. Freiras, velhos, crianças, doentes e até uma gestante. Um prato cheio para os clichês. Um dos passageiros, uma velha israelense — Etta Wise (Helen Hayes), implica com uma caixa de tâmaras que um outro — um dos sequestradores, se saberá depois — leva consigo.

— Ali pode conter qual-

quer coisa — diz ao filho — Bombas ou arma.

Quando os terroristas começam a operação sequestro, Chana (Linda Blair) anda por todo o avião, distribuindo bombons israelitas — não só entre os passageiros como também para os sequestradores.

— Sei que os bombons de Paris são melhores, mas só tenho esses — esclarece ela.

Mais tarde, o piloto vai lhe dar os parabéns pelo gesto:

— Ninguém teria coragem de atirar numa pessoa que estivesse com chocolate na boca.

Uma boa parte da crítica especializada não recebeu bem o filme, comprovando um fato: nem sempre os filmes inspirados em fatos verdadeiros agradam.

Há exceções, claro. "Um Dia de Cão", por exemplo.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR

E ARMÁRIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO



Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398, 434-6598 e 434-6798.



CONHEÇA MEIA SOLA ONDE SÓ ENTRAM QUADRINHOS NACIONAIS

Lá em Belo Horizonte, um pessoal resolveu lançar mais uma revista, chamada "Meia Sola". A intenção é colocar uma "meia-sola", nos quadrinhos brasileiros, isto é, mais uma chance para nossos desenhistas que lutam contra a invasão dos enlata-dos.

Abaixo, a reprodução da carta de apresentação da revista. Antes, porém, um aviso: quem quiser receber "Meia Sola" deve mandar seu endereço para a Editora Cordel-Artes Visuais, rua Caraça, 411 Belo Horizonte, 30.000. (Nos planos da editora, está o lançamento de posters iguais ao que ilustra esta matéria).

"Caro leitor:

Há um mês, lançamos a proposta de "Edições Meia Sola", e pudemos sentir o interesse geral pelo trabalho. De muitos lugares chegaram cartas à Editora, com sugestões e incentivo à publicação. A Editora Cordel analisou pro-longadamente vários aspectos que envolvem esse tipo de publicação, não deixando de observar as experiências de outros editores que viram suas publicações sufocadas diante de imprevistos e barreiras de toda espécie.

"Constata-se que a concorrência em bancas com publicações multinacionais é praticamente um suicídio. Por outro lado, a venda de espaços para publicidade nunca segurou, nem vai segurar as edições tupiniquins. (Não é o veículo apropriado — dizem os anunciantes, e têm razão: as publicações independentes dificilmente podem estar a serviço de seus interesses).

O esquema de produção periódica pode ser fatal para pequenas empresas eleitorais. A propaganda nos grandes veículos de massa é inalcançável. A censura. Bem, o resultado: as publicações independentes geralmente malogram, pois tais fatores impedem que as pequenas editoras promovam com sucesso o canal de comunicação entre os novos autores e seus futuros leitores.

"Pesamos todos esses componentes e resultou uma conclusão: a única forma viável de realizar esse trabalho é a união autor/editor/leitor, sem outros intermediários. Os três vetores estão diretamente implicados na resultante dessa realização.

Inicialmente, precisamos de 3.000 leitores interessados em "Meia Sola". Seus nomes e endereços. Isso permite a co-



Este é o poster n.º 1 de "Meia Sola". Peça um: é de graça.

municação direta, sem distorções e sem alienação. E garante a viabilidade da produção. A atual forma e edição. Assim, cada publicação será lançada no momento certo e o investimento (número de páginas, qualidade do papel, etc), vai variar de acordo com a situação e criação. Isso traz uma flexibilidade e margem de criação bem amplas. A Edição Meia Sola n.º 1 (Quadrinhos e Cartuns) foi distribuída em fevereiro/77 e tem 48 páginas bem impressas, em bom papel, capa e última capa em cores e brochurada. Cores também no miolo. O preço: Cr\$ 20,00 mais Cr\$ 5,10 (taxa de reembolso postal).

Estão nos planos: posters de todos os desenhistas participantes, quadrinhos de cordel (em papel-jornal, impressão tipográfica), edição a cores de cartuns e, ainda quando houver material suficiente, uma edição especial com trabalhos dos leitores/colaboradores.

Cada edição será endereçada ao leitor, que receberá um aviso para retirá-la, mediante pagamento na agência do correio mais próxima de seu endereço. É o sistema de reembolso postal, raramente utilizado em edições como a nossa. Junto com cada edição vamos mandar as características, a data de distribuição e o preço da edição seguinte. Se o leitor quiser recusá-la, é só avisar a editora antes da data da distribuição".

UMA CURIOSA PESQUISA SOBRE A MIÍMICA NO BRASIL

Histórias dos Nossos Gestos: de Luis da Câmara Cascudo, 248 páginas. Série "Memória Brasileira", das Edições Melhoramentos. Nesse livro, Câmara Cascudo, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, membro do Instituto Histórico e Geográfico do mesmo Estado, coloca o leitor diante da própria simplicidade humana com o gesto puro, levando-o a entender os gestos comuns ao seu dia-a-dia como elemento indispensável de sua própria cultura.

Você certamente se surpreenderá com a curiosidade e o aspecto histórico que se escondem atrás de cada gesto. Por exemplo: torcer o bigode é um gesto de valentia, provocação e peraltice; lambear as unhas é conformar-se com a realidade; mostrar a barriga não é só garantir de boa saúde, como também significa agressividade espontânea e até pode ser símbolo erótico.

Mostrar a língua é gesto de insulto no Brasil, mas significa saudação respeitosa no Tibete. E os exemplos se sucedem, uns mais curiosos que os outros.

"História dos Nossos Gestos" é o resultado de uma longa pesquisa, abrangendo mais de trezentas manifestações em forma de gesto.

"O HERDEIRO": AS CONTRADIÇÕES DA POLÍTICA EUROPEIA.

Em "O Herdeiro", Phillippe Labro conduz o leitor a um crescente interesse pela história e pela construção de seu personagem central, Bart' Cordell, herdeiro de uma das maiores fortunas da Europa.

Lançamento da L & PM Editores, está é a história do homem que tentou resistir aos grupos econômicos europeus ligados ao fascismo. Uma história ágil, narrada com precisão e senso jornalístico. O autor do livro e do roteiro do filme "L' Heritier" (lançado no Brasil com o nome de "A Estranha Herança de Bart Cordell") dirige seu personagem como se ele estivesse preso a um destino que, independente de sua própria posição social, deveria seguir até o fim.

Procurando ir fundo nas causas do assassinato do seu pai, Bart chega até as grandes contradições da política européia, vendo-se envolvido num mundo que até então desconhecia e resolve enfrentar. Carnavan, o jornalista da TV francesa que no livro elabora um "especial" sobre a vida do herdeiro, cita uma frase de Scott Fitzgerald:

"Mostrem-me um herói e eu vos mostrarei uma tragédia".

E é como numa tragédia antiga que Labro dirige seu personagem nessa história.

CATÁLOGO

Está criada a Confraria dos Amigos do Livro; com o pagamento de uma contribuição, uma vez por ano, de Cr\$ 500,00, o sócio adquire o direito de receber um livro por mês, das edições Nova Fronteira e Nova Aguilar, sem pagar mais nada pelo livro, nem o porte. Para este ano, estão programadas as seguintes edições especiais pela Confraria:

"Flores e Canções" de Cecília Meirelles, com dez desenhos de Maria Helena Vieira da Silva; "O Homem e Seus Símbolos", de Jung, em co-edição feita na Inglaterra; "Chagall" um álbum

de reproduções, em co-edição com a Fondation Maeght de Saint Paul de Vence, na Côte D'Azur. Mais informações: rua Visconde de Pirajá, 580, loja 222, endereço da Livraria Rócio.

Nas bancas, uma nova revista: "Super 8 & Quadrinhos", que se propõe a abordar os problemas de limitação de importação, deficiências de laboratórios, critérios adotados pelos festivais, política da Embrafilmes com relação ao Super 8. Custa Cr\$ 10,00 e tem um suplemento de 32 páginas de quadrinhos, encadernados.

Dois lançamentos da Ibra

sa: "O Fracasso da Matemática Moderna", de Morris Kline, 214 páginas (Cr\$.. 65,00), e "Parto sem Dor". de Pierre Vallay, 272 páginas, documentação fotográfica (Cr\$ 70,00).

A Anhanguera já recebeu "O Poder da Mensagem" de Hélio Ribeiro; "Uma Janela para o Céu", de Vallens; e "Somos Seis", de Francisco Cândido Xavier. Os mais vendidos nessa livraria: 1.o) "Escrava Isaura", de Bernardo Guimarães; 2.o) "O Navegante", de Morris West; 3.o) "Escuta. Zé Ninguém" de W. Reich.



ASSINE O JORNAL DE 2ª

TERREMOTO

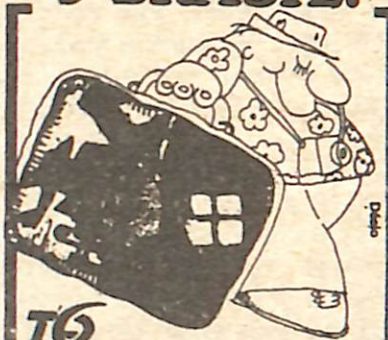
Não sei o que aconteceu com esta cidade de janeiro pra cá: de repente os bairros ficaram cheios de problemas, as avenidas não levam a nada a lugar nenhum, começaram a abrir-se buracos nas ruas, é uma tragédia. A gente abre os diários e só vê essa deterioração urbana e administrativa. E pensar que em janeiro estava tudo tão lindo, tão arrumadinho, tão limpinho. Quando foi o terremoto, que eu não vi? (S.V.)



LAGO DOS CISNES

Depois da brilhante e máscula atuação no jogo contra a poderosa e imbatível seleção colombiana, Zico está estudando propostas que chegam de todos os países: o Ballet do Marquês de Cuevas, por exemplo, o quer para "O Lago dos Cisnes". (S.V.)

CONHEÇA O BRASIL.



Existem muitos roteiros para você escolher. Venha nos visitar, ou consulte-nos. **TURISMO CHECHIMATO Ltda.** Rua Baronesa do Japi, 260 Fones: 436-7004 e 434-0562

O FIEL GAVIÃO

Quem foi ver o Paulista e Corinthians viu também o ex-Ibis falando sobre seu novo cargo na diretoria do galo.

Qualé, Mané? (E.M.)



BOM PAPO

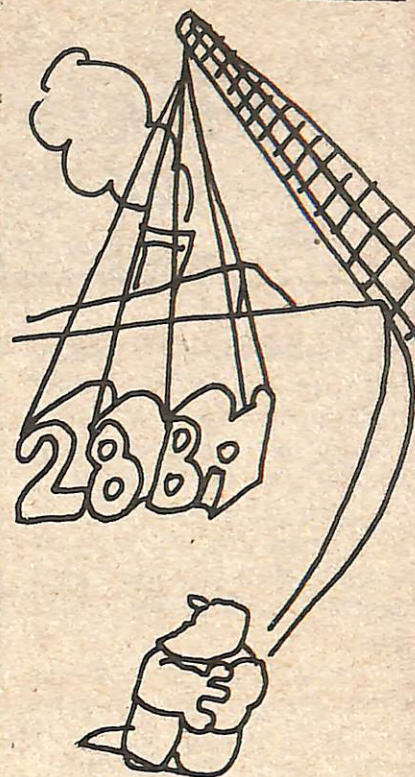
O Pravda de Moscou disse que o filme King Kong não passa de "um reflexo da decadência do imperialismo americano, da burguesia e da civilização ocidental". Só resta agora ao gorila-título do filme vir a público para dizer que isso "é mais uma manobra da camarilha revisionista de Moscou". Bom papo, hein? (S.V.)

TE MANCA, REVISÃO!

Atenção Revisão: revidar as nossas pauladas "em cima da bucha" como tem acontecido, é desleal. Pois se a gente só pode malhar os erros uma semana depois de lê-los, por que vocês sempre respondem no mesmo dia em que são malhados? Assim não vale.

E, além do mais, dar pauladas na revisão é um secular divertimento das redações. Será que nem rir mais a gente pode?

(A Redação)



ROTO-ROOTER

De repente, fontes ligadas ao Ministério do Planejamento se mostram preocupadíssimas com o fato do Brasil ter que gastar, este ano, 28 bilhões de cruzeiros em importações de "know how". "Don't worry, but don't delay", diz um comercial de tevê. (E.M.)

DESMENTIDO

Ao serem informados da programação dos cinemas de Jundiá para as próximas semanas, os irmãos Lumière desmentiram que tivessem qualquer responsabilidade na escolha dos filmes. "Nós só inventamos o cinema - declaramos os irmãos - o resto é por conta deles". (S.V.)

PAU NELES, JIMMY

Os Estados Unidos cortaram sua ajuda econômica a três países: Argentina, Uruguai e Etiópia.

"Desrespeito aos direitos humanos", foi a alegação de Cyrus Vance para a decisão. Bem feito. (E.M.)

Belina 71 - Vende-se

Cor Azul Pavão. Última Série. Tratar à Trav. Padre Armando Guerrazzi, 95 - tel. 434-3917

Escritório Comercial Leonel - Rua Vigário JJ Rodrigues, 162 Fone 436-1541

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone: 434-8648

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

FOTO LUIZ
Agora em novas instalações
Rua São José, 22

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 - 60,00
Bola futebol n.º 2 - 74,00
Bola futebol n.º 3 - 97,00

AÇOUGUE E CASA DE CARNES MARCIO CAZEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone- 436-4880

ROVIDROEJ
Charme
CHICAGO.
RO. 09.0626

XEROX
também
e com o
FOTO ZEZINHO

FOTOCOPIADORA MALTONI

TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 Fone - 6-8460

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA LTDA

RARAU-427 FONE-6-8231

CONSTRUTORA JUNDIAI LTDA.

Rua Siqueira de Moraes, n.º 578
Barragem, conjunto 801 C

Anúncios · Desenhos · Marcas
Folhetos · Cartazes · Textos
Programação Visual
Criação

DECIO DENA

Rua dos Bandeirantes, 683 - Fone: 436-6597



FUMO & FUMAÇA

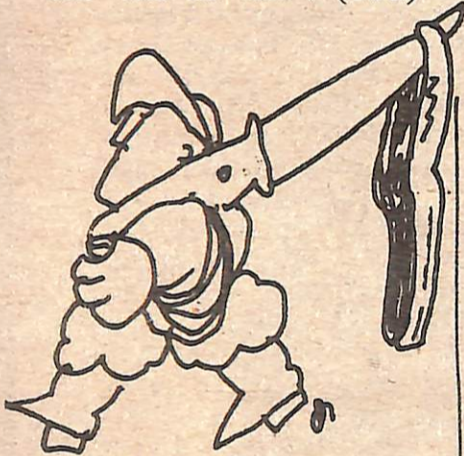
Alegando que "existem rumores de que anda rodando fumo por aqui", a polícia tem dado batidas em frente ao Clube Jundiaense, obrigando a garotada a botar as mãos na parede para revista.

Agora, com os rumores de que "ocorreu grana no São Vicente" esperara-se idêntica providência por parte dos homens da lei. (E.M.)



LIÇÃO DE CULINÁRIA

De um dono de churrasceria. "O segredó do bom bife está na faca". (E.M.)



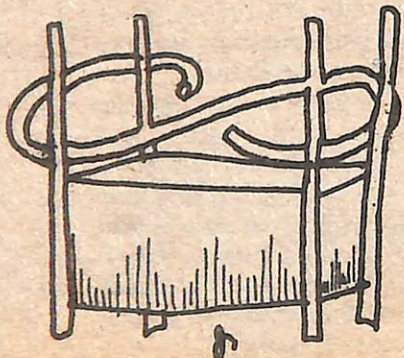
REPARTINDO O BOLO?

Depois do "depósito restituível", vem aí o pedágio! Eta bolo duro de roer! (E.M.)

LENOCÍNIO & TRAMOIA

Emocionante a foto-reportagem do "Jornal da Cidade" a respeito de uma casa onde se suspeitava existir a prática do lenocínio.

Agora, diante da suspeita de que terrenos do distrito industrial teriam sido vendidos a preço de banana, no último dia do governo Ibis, espera-se idêntica providência por parte dos defensores da moralidade. (E.M.)



COCHILADA

Acompanhado do vereador Duílio Buzanelli, esteve em visita à redação do "Jornal de 2a.", o ex-governador Laudo Natel.

A gente nem lembrou de pedir uma cartinha prele, ou de tirar uma foto abraçados com ele.

Este jornaleco é um fracasso, mesmo! (E.M.)

NOSTALGIA

Me lembro como se fosse hoje. Quando o Adhemar de Barros instituiu o pedágio nas rodovias, a UND caiu de pau na "ladroeira", no "dinheiro pra caixinha", no "item fantasma" da arrecadação dos cruzeirinhos dos automobilistas.

E, já não se faz eterna vigilância como antigamente. (E.M.)



O QUADRADO DO BRANDÃO

Um vexame o tal "quadrado mágico" inventado pelo técnico Oswaldo Brandão. Francamente, sou muito mais o "globo da morte". (AF)

ESOPAS DE FÁBULO

Delois de per no Jornal de da Cidal a moderpta adanação fa dábula "As Rautas e a Posa". Esou declaro-po: "Puda vixa! Eu nia sabão que Laine Fontai escrevão tal mia!".

(By Millôr Fernandes, in Fábulas Fabulosas, ou quase isso)

A SERVIÇO

Deu no Jornal de Brasília: É impressionante como, nas vésperas do carnaval, uma grande massa de autoridades e técnicos encontram a necessidade de fazer viagens a "serviço" com as passagens pagas pelo todo-poderoso Tesouro Nacional. O DASP, que já vem fazendo grandes avanços no que diz respeito à contenção de abusos no uso do carro oficial (e também da gasolina oficial), deveria solicitar de todos os órgãos as relações de funcionários que viajaram ontem (17/2) e que viajarão hoje (18/2, naturalmente) e que voltarão quarta ou quinta-feira que vem. É bem pouco provável que haja tanto "serviço" a ser feito no período carnavalesco. Dependendo do que se entende por serviço...

Seria essa aí a "Operação S'Imbora Nós Dois"? (AF)



SERÁ?

Fala-se com insistência que o ex-prefeito - cujo nome não me vem à memória, no momento - poderá ocupar o cargo na diretoria do Paulista F.C.. Já o Departamento Médico do clube, ao que consta, não sofrerá qualquer modificação. (AF)



SÓ DEU O BLOCO

Mais uma vez o "Estamos na Nossa" desempenhou. Perdão, escolas de samba! (Kazu)



OS DEZ MANDAMENTOS DA RACIONALIZAÇÃO

- 1.o) Poupar gasolina sobre todas as coisas;
- 2.o) Não gastar o santo combustível em vão;
- 3.o) Não sair aos domingos e festas de guarda;
- 4.o) Honrar o Opep e a Petrobrás;
- 5.o) Não trambicar;
- 6.o) Não passar dos oitenta quilômetros;
- 7.o) Não pecar contra a velocidade;
- 8.o) Não levantar falsas simonetas;
- 9.o) Não desejar a gasolina do próximo;
- 10.o) Não cobiçar as bicicletas alheias.

Autor: senador Agenor Maria, do MDB. (Pela transcrição, AF)

RETÍFICA

Houve uma pequena confusão na entrevista com o dr. Tarcísio Germano de Lemos, publicada na semana passada, a respeito da Comissão Especial de Inquérito do Hospital São Vicente: quando se falou nos tais juros e correção monetária gerados diariamente, num valor de Cr\$ 297 mil, não era apenas do hospital, mas sim o total dos empréstimos contraidos pela Prefeitura. A confusão foi do entrevistado e do entrevistador. Perdão a todos. (Kazu)

O APAZIGUADOR

Loas para o nosso amigo Mércio de Oliveira, por ter contido o técnico Roberto Belangero antes que este desse uns tabefes no bandeirinha do jogo do Pau-

CENSURA NA BANCA

Domingo, 20 de fevereiro, pouco antes do meio-dia. Chego à banca que fica em frente à "rodoviária principal" (ou, se preferirem, em frente à padaria) e peço o Jornal de 2a.-Feira. O vendedor tira um exemplar de trás do balcão, cautelosamente, como se este jornaleco fosse um produto clandestino, uma dessas revistinhas atentatórias à moral e aos bons costumes. Pergunto por que o jornal não fica exposto ao lado dos outros, já que sua situação é regularizada. Resposta:

- Ah, é que ele mexe cuns cara af...

Nelson Rodrigues recuará dois passos e avançará outro tanto. Mas eu simplesmente me retirei indignado. (AF)

ECONOMIA FOLGADA

O reajuste de 60% nos pedágios da Anchieta e da Imigrantes foram justificados pela Secretaria dos Transportes como sendo baseados nas tabelas que orientam as Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional.

Eu não sabia que os QRTNs valiam mais nos fins-de-semana e feriados. Pelos menos é o que depreende, quando se sabe que o preço do pedágio (Cr\$ 32,00 nos dias úteis) aumenta nessas datas.

Economia é um assunto interessante, muito interessante. (E.M.)

A POESIA É NECESSÁRIA

Vendo a luta do prefeito Fávoro para regularizar a venda de terrenos a preços lesivos à Municipalidade, para sanear a bagunça do São Vicente - enquanto a concorrência do Sistema Viário continua intocável - a gente tem que se lembrar de Drummond: "O poeta municipal/discute com o poeta estadual/enquanto o poeta federal tira ouro do nariz". (E.M.)



INSTITUTO BRAILLE: OLHANDO POR NOSSOS CEGOS.

Por mais incrível que possa parecer, isso acontece todo dia no Rio de Janeiro: Irineu Pereira viaja de ônibus e sabe o ponto em que deve descer através do olfato. Existe um posto de gasolina perto e, como é cego, ele percebe a proximidade pelo cheiro do combustível. Com a atual escassez, talvez ele encontre problemas.

Mas esse tipo de dificuldade não é o mais importante na vida das pessoas privadas de visão. Sua integração na comunidade em que vivem é o aspecto em que as entidades especializadas mais trabalham.

O trabalho junto ao cego em Jundiaí é desenvolvido pelo Instituto "Louis Braille", localizado em Avenida Sebastião Mendes Silva, 539, Fundado há 14 anos por Flávio D'Angieri, está hoje com 25 alunos inscritos e dá assistência a mais alguns. Mantido principalmente por particulares, recebe também uma pequena verba da Prefeitura, que no total não é suficiente para resolver nem os problemas mais urgentes com a condução dos alunos.

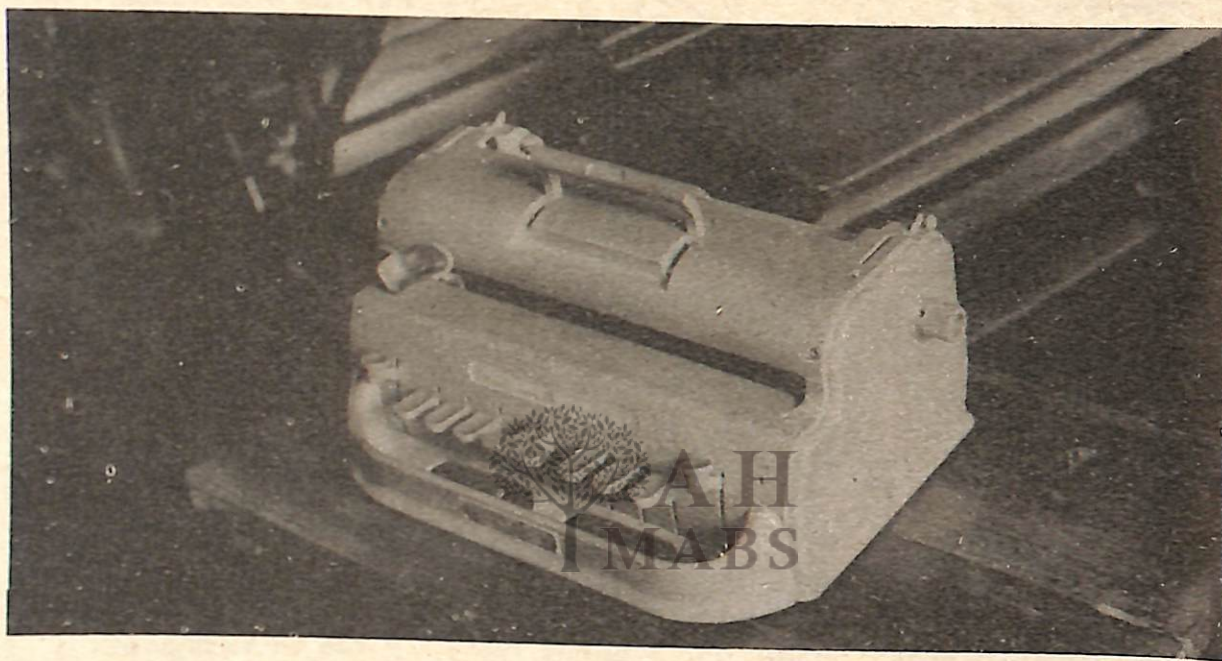
O BRAILLE

O cego é levado ao Instituto, onde primeiramente lhe é explicada a técnica da máquina Braille, cujo preço varia de 80 a 1.600 cruzeiros. O processo de escrita Braille é uma alfabeto universal, montado a partir de pontos salientes com o qual se escrevem todas as línguas, a matemática e a música para o cego ler com o tato. Cada símbolo Braille compõe-se de um ou mais pontos em relevo, dispostos dentro de um retângulo. A máquina de escrever possui oito teclas que pressionadas dispõem as saliências de acordo com a letra desejada.

Em seguida, o aluno passa à aprendizagem do alfabeto



Francisca: "o cego passa por difíceis estágios".



Com essa máquina se escreve o alfabeto em Braille.

to e à composição de palavras sistema semelhante ao aplicado em todas as instituições de ensino. A partir daí, o aluno é matriculado em escolas normais e o Instituto adapta as matérias ao sistema Braille.

A única entidade do gênero mantida exclusivamente pelo governo é o Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro. Lá o aluno pode cursar do jardim de infância

à 8ª. série, participando de atividades artísticas (musicais, plásticas e dramáticas), que têm um papel fundamental no processo de aquisição de expressões fisionômicas e corporais.

Para os "normais", a gesticulação origina-se da imitação de outras pessoas ou na expressão de formas, das quais já possuem a idéia da imagem. Para quem não pode ver, a aprendizagem precisa

ser muito mais treinada. Os professores têm que, por exemplo, ensinar o aluno a apontar para cima quando forem indicar o céu.

TRABALHO

O mercado para o trabalhador cego é ainda bastante restrito, principalmente devido ao preconceito e à desinformação dos donos de empresa. Os setores mais acessí-

veis são as indústrias onde podem exercer trabalhos mecânicos e repetitivos. Para o cego de nível superior os concursos públicos são a possibilidade mais concreta.

Francisca Camargo, residente à rua Veridiana Prado, 46, já trabalhou na Vulcabras e em outros empregos conseguidos por sua própria iniciativa: "fui treinada nas próprias fábricas e trabalhei como auxiliar de pesponto e de montagem. Os amigos me ajudavam e me davam muito apoio".

Atualmente ela desempenha diversas funções dentro do Instituto de Jundiaí como voluntária, recebendo apenas um auxílio para condução. Ela é praticamente a única pessoa que lá trabalha, sendo ajudada na transcrição de livros por sua amiga Valéria Fornazari.

Francisca é uma pessoa bastante descontraída, que leva uma vida completamente normal — vai a bailes, cinema. Agora ela está no 3.º ano de Ciências Humanas no "Ana Pinto" e no fim do ano tentará Psicologia em Itatiba ou Campinas: "seu eu passar terei que morar fora, a não ser que não consigam outra professora para o Instituto. Aí terei que viajar todos os dias, porque eu não posso deixar os meninos".

"A aprendizagem das pessoas que já possuíram visão é mais difícil que aquelas que nunca viram — fala Francisca — Teoricamente deveria ser mais fácil, já que eles têm gravadas as imagens", mas como ela diz "o conformismo é que é o obstáculo".

"O cego passa por difíceis estágios, desde o entrosamento até a aceitação da sociedade — conforme diz — porém pode superar a deficiência. Tudo depende do íntimo e persistência de cada um".

EDITORIA BRIGA COM FAVARO. VEJA PORQUE.

Das várias coisas que estão sendo discutidas pela Coordenadoria de Planejamento, uma delas é a venda de 201.241,80 m² de terreno do Distrito Industrial à Editora Panorama, proprietária do "Jornal da Cidade". Essa área abrange a sede e adjacências da antiga fazenda do Rappa, local arborizado e que possui inclusive uma parte construída.

A área está localizada na Avenida 2 do Distrito, mais ou menos a 350 metros da Fundinox, indústria já construída, e da Tusa-2, indústria de transformadores, ainda em construção.

A escritura de venda foi passada no dia 31 de janeiro, quer dizer, no último dia da administração Ibis Cruz, por um preço consideravelmente baixo, 20 cruzeiros o m² e 600 cruzeiros a área construída. Segundo o "Jor-

nal da Cidade", o processo de aquisição da área deu entrada na prefeitura em 30/07/76, seis meses antes do término do governo Ibis Cruz, sendo cumprida pela editora todas as exigências.

Como o terreno se tratava de logradouro e prédio com programação prevista para abrigar, no futuro, serviços da administração municipal, servindo como uma sub-prefeitura, a Coordenadoria de Planejamento achou que a área devia ser recuperada pelo município.

Das 3 propostas apresentadas ao prefeito pela Coordenadoria de Planejamento, uma foi acolhida, o que significa que a área retornaria ao município. No primeiro contato da Secretaria de Negócios Internos e Jurí-

dicos com o proprietário da Editora Panorama, Gustavo Campos, este disse que pretendia uma área no distrito, para lá instalar o jornal, mas que não teria necessariamente que ser aquela.

Diante disso, a prefeitura localizou outros terrenos no Distrito, que seriam apresentados à diretoria do jornal numa reunião conjunta. A Coordenadoria de Planejamento, dando prosseguimento às determinações do prefeito Pedro Fávoro, contactou a chefia daquela editora, que prometeu comparecer à prefeitura para ver o localidade e escolher a nova área.

Depois de algumas tentativas de ser feita esta reunião, saiu o noticiário da prefeitura, divulgado no dia 24, quinta-feira, onde entre outras coisas falava de reincorporação do terreno da Editora Panorama ao patrimônio municipal.

O "Jornal da Cidade" desse mesmo dia comenta sobre essa reincorporação, dizendo que essa decisão é simplesmente vingança política, porque "o jornal sempre apoiou os atos da administração Ibis Cruz".

Depois que Gustavo Campos diretor do jornal ficou sabendo do noticiário, da desapropriação de sua área, deu a entender que não pretende voltar à prefeitura para tratar do assunto.

Antônio Fernandes Panizza, falado pela Coordenadoria de Planejamento disse que este órgão "está certo de estar cuidando de uma questão, que não virá a agredir o interesse das partes envolvidas" e garantindo a manutenção de uma decisão administrativa, que data de 1972, acredita que "ainda poderá contar com a colaboração da Editora Panorama".